

1. Passado presente: Formação.

Em 1907, após mais de um ano de escrita e releitura de artigos publicados anteriormente, Capistrano de Abreu colocou um ponto final no texto que faria parte da introdução da coletânea de artigos organizada pelo Centro Industrial do Brasil, denominado de *O Brasil. Suas riquezas naturais. Suas indústrias*. A pedido do então Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, Lauro Muller, “Breves Traços da História do Brasil”, como está escrito no começo, ou então, “Noções de História do Brasil até 1800”, como se intitula este trabalho no índice, foi a breve história do Brasil que precedeu aquele estudo de caráter econômico. Acerca dela, se em janeiro de 1906, Capistrano trabalhava a todo vapor “num esboço histórico e geográfico do Brasil”, diria em 7 de janeiro do ano seguinte, após a conclusão do esboço, “acabo de pingar o último ponto de meu referido esboço. Deu trezentas páginas o período anterior a D. João VI.”¹. Apesar de toda dedicação ao pedido solicitado, a conclusão do trabalho somente ocorreria após um grande atraso e reincidentes solicitações de Vieira Souto. Como nunca se sentia satisfeito após a entrega do que produziu, diria Capistrano, na continuação do trecho da carta citada, “Quando ainda no Ceará concebia-a, a obra tinha outras dimensões. Cada ano levou consigo um lance ou um andar. A continuar mais tempo, ficaria reduzida a uma cabana de pescador. Mesmo agora, acho-lhe uma ares de tapera”²

Será este livro, que gerou tanta tensão no momento da escrita, o ponto de partida desta dissertação. Circunscrito ao período colonial, o texto possui, nesta trajetória, elementos fundamentais para a compreensão da sua noção de formação histórica, e, ao mesmo tempo, um conjunto de intervenções na narrativa que apresentam, através do contraste entre presente e passado, apontamentos acerca de uma específica ética da conduta a ser seguida pelos homens. Além disso, o motivo fundamental que o leva a ser analisado inicialmente é o fato de compreendermos *Capítulos de História Colonial* como um “acontecimento

¹ Carta de Capistrano de Abreu a Guilherme Studart 07/01/1907 In: ABREU, João Capistrano de *Correspondência de Capistrano de Abreu* (org.): José Honório Rodrigues 2ªed. 1 vol. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1977 p. 178.

² Ibidem.

biográfico”³ na vida de Capistrano, ou seja, o livro foi feito pelo autor e, simultaneamente, o fez; um marco dentro de sua trajetória de vida, um texto que aglutina uma série de ponderações tecidas em artigos anteriormente escritos.

Inicialmente, cabe ponderar que nos *Capítulos* cada ação particular vincula-se a um determinado fim particular a ser cumprido por cada agente, sendo que, neste caso, elas devem ser guiadas por um horizonte comum, tendo a nação como fim último. Como dirá Denise Bottman: “O âmbito dos resultados é o que adquire estabilidade, e passa a conter as novas ações de outros agentes, mesmo que sejam ‘inconscientes’ de sua inserção naquele âmbito”⁴. Sendo que, neste texto, a história não é livre ou autônoma diante da natureza⁵, mas as relações humanas complexas e mediatas são relações propriamente históricas, onde os sujeitos, a partir da razão e volição, têm certa margem de liberdade para construir uma realidade que seja histórica.

Entretanto, tratando-se de um autor que publicou tantos textos, devemos nos remeter a um artigo, publicado anteriormente ao livro citado, e examinar o significado da noção de natureza e, ao mesmo tempo, como ela passa a ser componente da narrativa histórica do autor. Sua influência, passiva e ativa, está presente ao longo de toda a trajetória colonial e fará com que Capistrano desloque a noção de raça de elemento primordial para a compreensão do nacional, tornando a natureza elemento distintivo do Brasil e, simultaneamente, passível de ser analisada pelo tratamento científico.

³ BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In: AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. 5ª ed.

Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

⁴ BOTTMAN, Denise *Padrões explicativo na historiografia brasileira* São Paulo: Unicamp Dissertação de mestrado 1985 p. 50

⁵ A consideração aprofundada acerca desta questão está em BOTTMAN, Denise *A propósito de Capistrano* Primeira Versão IFCH 1990 Unicamp p. 19.

1.1 Influência e obstáculo: Natureza

Em um artigo de juventude, denominado “O caráter nacional e as origens do povo brasileiro”, publicado originalmente sob a forma de artigo de jornal, Capistrano debateu com Sílvio Romero acerca do caráter nacional brasileiro. Enquanto este último sustentava que o elemento que diferenciava o brasileiro do português deveria ser atribuído ao negro, o autor cearense diria que o fator étnico, unicamente, forneceria uma explicação empírica e ilusória sobre o estado social.⁶ Para Capistrano, seria imprescindível compreender a ação da Natureza. Ação que primeiramente seria passiva, fazendo com que o transplantado colonizador se submetesse ao meio, e depois ativa, com a necessidade de posterior integração.

Sem dúvida a Natureza, com as suas forças e seus aspectos e a raça, que admitimo-la como produto daquela, quer a consideremos como fator originário e irreduzível, são dois fatores que pesam fortemente na feitura de um caráter nacional e por conseguinte na estrutura da sociedade. Entretanto, não são os únicos. Se eles agem sobre a sociedade, a sociedade reage sobre eles; o meio social de efeito passa a ser causa, de resultante passa a ser componente. No Brasil é justamente o caso e a influência esquecida é a mais poderosa e ativa.⁷

A Natureza seria sujeito. Independente da forma como atue, ativa ou passiva, estaria sempre presente na compreensão do nacional. Apesar de visualizar a importância do negro, Capistrano utilizou uma observação do presente para questionar as observações de Romero: afirmou que se a mistura com o negro fosse a causa do atraso brasileiro, o instante que viviam representaria o momento de maior degenerescência. “Se o atraso brasileiro provém da massa de africanos que concorreu para o aviltamento, então, agora que o cruzamento se deu em maior escala, o atraso devia ser e devia tender a ser maior. É pelo menos contestável.”⁸

Seria a ação da Natureza, recuperada através da investigação de fontes de cronistas da época, que dotaria a Colônia da determinação característica, fruto da fraqueza que se apresentava devido à fragilidade daqueles que aqui residiam. “Por que a Natureza não deixava desenvolverem-se as funções, porque a ataraxia das funções trouxe a atrofia do organismo – é fácil demonstrar. O que é difícil é

⁶ A querela entre os dois autores ainda se estenderia em dois outros artigos intitulados “História Pátria” e “Sobre a Colônia do Sacramento”. Em ambos a discussão se pautará pelos mesmos termos, diferenciando-se pouco, mas sem modificação das questões centrais. In: ABREU, João Capistrano de. *Ensaio e Estudos, 3ª Série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

⁷ ABREU, João Capistrano de. “O caráter nacional e as origens do povo brasileiro” In: *Ensaio e Estudos, 4ª série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 5.

⁸ Idem. p. 11.

explicar estes fatos com o cruzamento com o preto.”⁹ Quanto à questão – neste aspecto, para Capistrano, menor – da formação étnica, o autor concordava com Romero e com Martius sobre o caráter eminentemente mestiço da população. Discordava, neste ponto, de Pereira Barreto, quando o positivista paulista afirmava que por “fatalidade biológica e determinismo sociológico”, temos sido, somos e seremos portugueses.¹⁰

Importante observar que, nas décadas iniciais do século XX, havia um intenso debate acerca das teorias raciais, que caracterizava grande parte da produção intelectual e que orientou o tratamento dispensado à questão da raça, levando a discussão do “problema racial” a ser vista sob um olhar muito particular, que acentuava a mistura de etnias. Tomando o caráter basicamente híbrido de nossa sociedade como um dado natural, como um elemento do contexto, grande parte da intelectualidade no período dividia-se, a respeito do tema, em duas posições distintas. A primeira delas sustentava praticamente a inviabilidade do país; essencialmente se imaginava que a miscigenação, ao propiciar o cruzamento, a relação entre “espécies” de qualidade diversa, levava, inexoravelmente, à esterilidade cultural, comprometendo a civilização no país.

Esta suposta condenação à barbárie era criticada por uma segunda posição, que entendia a miscigenação como responsável pela nossa redenção. A possibilidade de percorrer esta trilha somente ocorreu porque a mestiçagem passou a ser considerada como promotora de um processo de branqueamento, através do qual seria atingido um gradual predomínio dos caracteres brancos sobre os negros.¹¹ Ambas as tendências, contudo, aliam de maneira negativa a herança recebida da mistura das três raças. Em ambos os casos, a supremacia branca dá sentido ao argumento: seja na primeira, que julga os constrangimentos totalmente insuperáveis, seja na segunda, que aposta na sua futura superação através de um desejo de ser similar ao Outro, o europeu, o branco, o exemplar.

⁹ Idem, p.12.

¹⁰ Idem. Trata-se da crítica ao livro *Soluções positivas da política brasileira*, publicado pelo positivista paulista em 1879.

¹¹ Conforme afirma Lilia Moritz Schwarcz, em fins do século XIX, estabelecia-se um paradoxo entre liberalismo e teorias raciais em que o primeiro fundava-se no indivíduo e em sua responsabilidade social e o segundo retratava a atenção colocada no sujeito enquanto resultado de uma estrutura biológica singular. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 11-47.

O embate entre Sílvio Romero e Capistrano se aguçou ao atribuir o primeiro a ausência de uma etnologia brasileira, voltada para o estudo do negro e do mestiço, à idealização romântica do indígena e à questão da escravidão. Nos *Estudos sobre a poesia popular no Brasil (1888)*, denunciou esse descaso intelectual e abordou a influência das raças, inclusive do africano e do afro-brasileiro, na poesia popular. O livro se encerra como um apelo sentimental à abolição da escravidão:

...libertemos os negros; porque os devemos considerar os desafortunados que nos ajudaram a ter fortuna; os cativos que nos auxiliaram na conquista da liberdade; os ignorantes que nos facilitaram a posse da civilização, e hoje nos oferecem o ensejo de praticarmos um ato nobre: a emancipação dos escravos!¹²

A partir da submissão do cultural ao racial, Romero desdobra a mestiçagem em dois níveis: “Deste imenso mestiçamento físico e moral, desta fusão de sangue e de almas é que tem saído diferenciado o brasileiro de hoje e há de sair cada vez mais nítido o do futuro.”¹³ Pela mestiçagem moral, seria possível pensar uma perspectiva crítica e seletiva diante do influxo externo e superar o mimetismo cultural e a imitação do estrangeiro. A cultura brasileira é definida como mestiça ou compósita, cujo caráter específico depende da integração entre elementos díspares. Em termos literários e artísticos, a consciência nacional se criaria pela fusão entre as raças e pela incorporação da “faculdade de imaginação e sentimento do continente americano e africano” e uma de expressão “civilizada”.¹⁴

A perspectiva anti-romântica e pró-abolicionista de Romero se relaciona ao projeto de investigação “integral” da contribuição cultural das raças. Para tanto, constrói uma teoria etnográfica hierarquizada, em que o negro é apresentado como superior ao indígena, e o branco mais evoluído do que ambos. Estabelece distinções no interior da raça branca, que divide em diversos tipos: enquanto os germanos, eslavos e saxões caminham para o progresso, outros grupos, como os celtas e latinos mostram claros sinais de decadência. Os portugueses são vistos como povo inferior, resultante do cruzamento entre ibéricos e latinos, o que representava a impossibilidade orgânica de produzir por si. Os colonizadores

¹² ROMERO, Sílvio apud VENTURA, Roberto *Estilo Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 46.

¹³ Idem Ibidem.

¹⁴ Idem p.48.

trouxeram assim os males crônicos das raças atrasadas, desprovidas do impulso inventivo dos germanos e saxões.

A partir desta concepção, a dependência cultural é explicada como impulso psicológico ou tendência de caráter resultante da mistura de três raças inferiores: “O servilismo do negro, a preguiça do índio e o gênio autoritário e tacanho do português produziram uma nação informe, sem qualidades fecundas e originais.”¹⁵ A formação do povo a partir de três raças sem originalidade teria, como consequência, a tendência à imitação do estrangeiro. Em termos de produção intelectual, o mimetismo traria prejuízos, como a “falta de seriação nas idéias” e a “ausência de uma genética”, que faria com que os autores não procedessem um dos outros, o que o fez negar, em *A filosofia do Brasil*, a existência do pensamento filosófico entre nós.¹⁶ Sua teoria da mestiçagem e do branqueamento parte de uma combinação de pressupostos raciais (existência de diferenças étnicas inatas) e evolucionistas (lei da concorrência vital e do domínio do mais apto). Seja com relação à noção de raça, seja com relação à noção de Natureza, Sílvio Romero e Capistrano necessitavam pressupor a existência do seu objeto privilegiado, o fenômeno histórico e cultural “Brasil”. Apesar desta pressuposição, a concepção de caráter nacional apresenta certa diferenciação entre ambos. Visando perseguir com maior proximidade a questão que estamos visando adensar, tentar-se-á compreender a sua noção de caráter nacional.

Pode-se afirmar que Romero visa espelhar o caráter de uma nação, aproximando-se do que o antropólogo norte-americano Richard Handler chama de “objetificação cultural”, ou seja, que se observe (e se escreva sobre) uma cultura como uma “coisa”, um objeto natural ou entidade constituída de objetos e traços. Assim concebida, “a nação ou grupo étnico é tomado como sendo delimitado, contínuo e precisamente distinguível de outras entidades análogas.”¹⁷ Além disso, nessa perspectiva, o que distingue cada nação ou grupo étnico é sua cultura, que provê o conteúdo da individualidade do grupo. Os traços que constituem esse conteúdo passam a estar inseridos em um quadro de eternidade no qual, ainda que

¹⁵ Idem.

¹⁶ ROMERO, Sílvio. “A Filosofia no Brasil. Ensaio Crítico” In: *Obra Filosófica*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1969. p. 7. O notório atraso seria a percepção de que não houve nenhum livro de filosofia escrito durante os três séculos coloniais.

¹⁷ HANDLER, Richard. *Nationalism and the politics of culture in Quebec*. Wisconsin: Wisconsin University Press, 1988. p. 16.

participem dos acontecimentos históricos, o tempo é irrelevante. Nesse sentido, um estudo que promova a objetificação da cultura não se encontra muito distante do determinismo que caracteriza as explicações biológicas que recorram à noção de raça. Dante Moreira Leite, em seu *Caráter Nacional Brasileiro*, fez observações que se aproximam desta perspectiva. Fazendo um inventário da produção brasileira que se deteve no tema, diz que “os estudos contemporâneos do caráter nacional revelam, apesar de tudo o que dizem seus autores, um nacionalismo exacerbado, capaz de substituir ideologicamente o racismo.”¹⁸ Capistrano de Abreu termina por ser englobado pelo mesmo autor nesta categoria.

Este tema, contudo, levanta uma pista que merece ser seguida. Enquanto Romero privilegiou o quesito raça, Capistrano privilegiou a Natureza. O privilégio do primeiro faz com que a possível causa do nosso atraso somente seja ultrapassada através de uma solução vinculada ao influxo externo, como o branqueamento, por exemplo. Já Capistrano de Abreu, através da Natureza, dota o país de singularidade e aponta modificações para o futuro atreladas a ela. Assim, a solução para o futuro se remete ao passado, mas um passado que mantém uma influência permanente e longa, e que dotará de especificidade aquele que com ele travar contato.

Esta seria a influência ativa a que o autor se remete ao longo de seu artigo “O caráter nacional e as origens do povo brasileiro”. Uma integração entre homem e Natureza que leva muito mais tempo:

Se a influência ativa pode – embora sem bases – ser contestada, a influência passiva é de uma evidência fulminante no Brasil. Que significam tradições de grandeza entre um povo a quem elas nada lembravam? Que significam costumes polidos em uma sociedade que se ia formar? As florestas seculares não determinavam um sistema novo de agricultura? As verdades das estações não reagiam sob a cultivação! As distâncias e dificuldades de transporte não reagiam sobre a indústria? Matas, distâncias e estações, se não me engano, são parte da natureza e sua influência é patente.¹⁹

A ação da Natureza é dupla: “ativa ou passiva manifesta-se como movimento ou como resistência”.²⁰ A influência passiva é a influência que ocorre no momento do contato entre o civilizado e o meio, o choque instantâneo do deslocamento espacial sofrido pelos portugueses. Já a influência ativa ocorre ao

¹⁸ LEITE, Dante Moreira. *O caráter Nacional Brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1976. pp. 124-125. Desta forma, o conceito de Nação seria compreendido como narrativa coesa acerca dos caracteres de determinado grupamento social.

¹⁹ ABREU, João Capistrano de. “O Caráter Nacional e as origens do povo brasileiro” In: *Ensaio e Estudos*, 4^o série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

²⁰ Idem p.17

longo de um determinado período de tempo mais extenso, de maneira mais orgânica, em ritmo muito mais lento. Ambas são maneiras de tentar compreender os efeitos da Natureza diante dos “fatores exóticos”. A Natureza é então uma categoria fundamental para entender sua escrita da História do Brasil.²¹

Abreu dialoga com a dissertação de Martius *Como se deve escrever a história do Brasil* e sua perspectiva de conferir legitimidade nos trópicos ao Império através de uma proposição acerca de sua identidade específica. O texto do viajante bávaro, segundo este tema, constitui, sob a forma de narrativa histórica, uma elaboração acerca do passado nacional que dialoga com os anseios do presente e aponta um horizonte para o futuro. Os elementos-chave da história nacional estariam na própria Natureza.²² Como Capistrano não deixa de utilizar a categoria raça, observa-se que ela passa a possuir um sentido pouco usual, como fica delimitado a partir da contraposição às observações de Sílvio Romero na polêmica entre ambos. Ela deixa de possuir o estrito vínculo biológico e passa a fazer com que, apesar de ser ainda uma categoria de que o autor se utiliza, esteja muito mais próxima da cultura do que do determinismo biológico.

O entendimento do meio físico como modificador do povo vincula-se a uma concepção *neolamarckiana de raça*, uma definição que, baseando-se na ilimitada aptidão dos seres para se adaptar às mais diversas condições ambientais, enfatiza, acima de tudo, a sua capacidade de incorporar, transmitir e herdar as características adquiridas na sua interação com o meio físico. “A idéia de raça é convertida muito mais em um efeito do que em uma causa, mantendo-se como uma intermediária das noções de raça e de cultura.”²³ Há um compromisso de cunho biologizante, mas que não implica a composição de um evolucionismo. Apesar do papel privilegiado que o português possui ao longo de todo o livro *Capítulos de História Colonial*, não há a composição de uma hierarquia explícita

²¹ Como dirá acerca de sua história íntima: “Uma história íntima – deve mostrar como aos poucos se foi formando a população, devassando o interior ligando entre si as diferentes partes do território, fundando indústrias, adquirindo hábitos, adaptando-se ao meio e constituindo por fim a nação.” *Gazeta de Notícias* em 19/10/1880. In: *Ensaio e Estudos*, 4ª. Série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 157.

²² Sobre uma reflexão aprofundada acerca da noção de história em Martius: GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado. “História e natureza em von Martius: esquadrihando o Brasil para construir a nação”. *Hist. cienc. saude-Manguinhos.*, Rio de Janeiro, v.7, n.2, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 Maio 2007.

²³ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e Paz: Casa-Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: 34,1994. p. 39.

entre as raças, como se o seu “caráter independente”²⁴, além de ter lhe dotado da propensão a certo tipo de ações, tivesse propiciado maior miscibilidade ante o contato com as outras raças.

Esta transitividade que o argumento neolamarckiano possibilita conduz a certa confusão entre o biológico e o cultural, que acaba por permitir o estudo das sociedades em uma dinâmica muito próxima à da relação entre história e cultura. “Não existem raças verdadeiras conforme uma explicação fisiológica, mas deve-se falar de raças ‘históricas’ em processo de formação.”²⁵ O traço fortemente histórico-cultural da explicação de Capistrano é ressaltado quando, contra o argumento de Romero de que a Natureza não seria um fator importante para a compreensão do nosso caráter nacional, observa que “É sem razão que alegam ser o tempo insuficiente para tanto; a deficiência do tempo refere-se antes a percepção adequada do que à objetiva.”²⁶ O lapso de tempo passa a ser mais um indício que ressalta o traço fortemente histórico-cultural de sua explicação, aproximando-a da noção de raça histórica.

Não só quatro séculos são o suficiente para a elaboração biológica, e, por conseguinte, sociológica; como a ignorância dos primitivos colonizadores, sua índole genial, o segregamento a que condenou-os a política da metrópole, oferecendo uma resistência mínima à pressão mesológica, tendiam a deixar produzirem-se livremente os seus efeitos... é evidente quanto isto deve ter concorrido para o *suplemento* do tempo.²⁷ [Grifo meu]

O tempo não é algo desconectado da experiência particular ocorrida em cada localidade. A maior ou menor demora para que ocorra a reverberação de uma modificação na característica de cada local somente poderá ser compreendida se for observada a completa gama de elementos que nela interagem. Todos estes irão gerar uma feição particular aos habitantes daquele lugar, sendo transmitido aos seus descendentes. O argumento lamarckiano possui seu peso no conceito de adaptação – a capacidade de transmissão de características adquiridas.

Em seu texto “Lamarckianism in American Social Science”, George Stocking demonstra a presença de argumentos que envolvem a noção de hereditariedade das características adquiridas – às vezes com referência direta a Lamarck e, em

²⁴ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. 6º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 17.

²⁵ STOCKING, George. “Lamarckianism in American Social Science” In: STOCKING, George. *Race, Culture and Evolution*. New York: The Free Press, 1968. p.245.

²⁶ ABREU, João Capistrano de. “O caráter nacional e as origens do povo brasileiro” In: *Ensaio e Estudos*, 4º série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 17.

²⁷ Idem. p. 17.

muitas outras, não – nas Ciências Sociais norte-americanas nos últimos vinte anos do século XIX e na primeira década do século XX. Apesar de, neste contexto, a referência a Darwin ser intensa, através do que ficou conhecido como “darwinismo social”²⁸, é com o apelo ao argumento lamarckiano que ele se presentificava. O conceito de adaptação compreendido como “mudanças na estrutura ou no comportamento orgânico que foram causadas por influências diretas do meio ambiente ou que foram produto das respostas do organismo a tais influências [e que] eram transmitidas por hereditariedade”²⁹ é a base de sustentação daquele argumento.

O lamarckianismo, diz Stocking, forneceu “uma teoria comportamental da evolução biológica” e possibilitou “um dos últimos elos teóricos entre a teoria biológica e a social”.³⁰ Dentre outros aspectos específicos, possibilitou aos cientistas sociais uma elaboração para a formação das raças e da estrutura mental que não fosse apenas biológica. A concepção segundo a qual os novos hábitos adquiridos pela adaptação ao meio natural geravam mudanças no organismo dos indivíduos e essas, por sua vez, eram herdadas pelos descendentes, permitiu que os cientistas sociais, mesmo sem uma diferenciação clara do biológico e do social, formulassem explicações para as diferenças raciais que se aproximam das que foram elaboradas posteriormente para explicar o conceito de cultura.

A correspondência de Capistrano dá indicações do possível contato que teria mantido, mesmo que de forma sutil, com tais formulações intelectuais. Em carta destinada a Paulo Prado, datada de 1923, Capistrano solicitou patrocínio para a tradução de um texto de Carlos von den Steinen, para a qual encontrava dificuldades financeiras na edição.

O autor da carta junta, Franz Boas, é universalmente conhecido como uma das maiores autoridades em questões antropológicas. Carlos von den Steinen, a que se refere, fez duas expedições à nossa terra e lançou as bases da etnografia científica do Brasil. Peço-lhe se interesse pela causa, lance uma derrama entre os amigos e mande a Franz Boas uma ordem prestigiosa para facilitar a impressão da obra que deve ser genial... Devolva-me a carta de Franz Boas para ver se com ela consigo alguma coisa nestes pagos.³¹

²⁸ A expressão é usada por HOFSTADTER, Richard. *Social Darwinism in American Thought*. Boston: Beacon Press, 1955.

²⁹ STOCKING, George. “Lamarckianism in American Social Science” In: STOCKING, George. *Race, Culture and Evolution*. New York: The Free Press, 1968. p. 243.

³⁰ Idem. p.245.

³¹ Carta de Capistrano de Abreu a Paulo Prado 06/02/1923 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

O contato ainda torna-se um pouco mais estreito. Em carta enviada a João Lúcio de Azevedo, datada daquele mesmo ano, Abreu assim se reportava ao texto de Boas:

Não é só V. quem recebe elogios germânicos: Tolle et lege: Wie oft habe ich Ihrer gedacht als einen der besten und liebenswürdigsten Meenschen denen ich in der Welt begenet in... Quem escreveu isto? Carlos von den Steinen, explorador do Xingu. A propósito de que? Franz Boas, um dos primeiros etnógrafos, escreveu-me sem me conhecer, pedindo que arranjasse algumas assinaturas de 50 dólares para a obra em que Steinen gastou mais de vinte anos e que não encontrava editor. Arranjei umas oito ou nove: o elogio de arromba é um agradecimento.³²

A investida na direção da tradução do texto de Carlos von den Steinen possibilita supor uma gama de questões³³ Esta proximidade, admiração e troca intelectual, empreendida entre ambos, coloca no horizonte uma abordagem que, ao propor o tratamento das tribos indígenas, possibilita maior dinamismo cultural. A evolução ocorre a partir da troca exercida entre as raças e o ambiente, sendo mais intensa a partir da maior complexidade dos povos.

Tais ilações permitem compreender de outra forma as ponderações de Capistrano no artigo “O caráter nacional e as origens do povo brasileiro”. De forma diversa ao seu interlocutor Silvio Romero, onde o vínculo ao esteio biológico fez com que o tempo não opere mudanças significativas ao dissenso que aportou em terras nacionais, Abreu assume que entre a raça e o meio deve ocorrer “sinergia concreta”.³⁴ A noção de raça ganha maior complexidade, podendo ter seus atributos modificados pela passagem do tempo, pelas graduais modificações que, sutilmente, ao longo de variadas gerações, passam a ser incorporadas a elas. As mudanças deixam de ocorrer *no* tempo e passam a ocorrer *através* do tempo. O tempo passa a ser concebido como agente qualitativo de mudanças, passando a

³² Carta de Capistrano de Abreu a João Lúcio Azevedo 20/10/1923 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

³³ Capistrano se vincula a este horizonte interpretativo, não necessariamente devido ao contato com Carlos von den Steinen. Interessa observar que, no final da 6ª edição dos *Capítulos de História Colonial*, há uma anotação de Capistrano de Abreu em que usa o conceito de adaptação de maneira muito explícita e a referência teórica que cita é um artigo de Franz Boas publicado no *The Nation*, em 15/02/1919. Acerca disto, ver *Capítulos de História Colonial* 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 214.

³⁴ ABREU, João Capistrano de. “O caráter nacional e as origens do povo brasileiro” In: *Ensaio e Estudos*, 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.18.

ser experienciado tanto como uma modificação do seu passado quanto potencialmente modificado pelo seu futuro.³⁵

A superação do *inacabamento*, que impediria a entrada na marcha do progresso, teria como premissa a gradual integração com a Natureza; uma integração que ocorreria através do contato, através de uma lenta interação, cujo resultado seria a feição particular que resultou após três séculos de trajetória colonial.

Ao longo dos *Capítulos de História Colonial*, o lugar da Natureza, mais que simples imobilidade, é o lugar do amoldamento. A natureza é influência e obstáculo para a formação da sociedade brasileira. Assim se compreende o par influência passiva e ativa da natureza nos argumentos de Capistrano. A influência passiva foi o momento em que a ação dos fatores externos gerou a regressão no padrão de vida daqueles que aqui aportaram.

A influência passiva da Natureza pode resumir-se nessa proposição: em consequência das condições especiais em que se achou a civilização portuguesa por seu transplante para o Brasil, como distribuição de riqueza, divisão de trabalho; diminuição e dispersão da população; deslocamento de centros governativos, mentais e econômicos; nascimento de novas necessidades, ablação de velhos usos as funções sociais não podiam desenvolver-se normalmente; em vez de tenderem a crescer, o seu trabalho tendia a mingua, e como a mingua de trabalho traz o acanhamento das funções e o acanhamento das funções traz o depauperamento do organismo, a sociedade brasileira *atrofiou-se*.³⁶ [Grifo meu]

Ao pensar em passividade e em um de seus efeitos – a atrofia do “organismo” –, Abreu imprime dinamismo ao que poderia ser relacionado como essência. A nossa experiência histórica estaria marcada por um momento inicial em que ocorreu uma característica desordem após o “deslocamento” do organismo.

Há toda uma série de reflexões desde o século XVI, dotando a América, desde a sua descoberta, de características singulares. Como no caso de Buffon, que enxergava a América como possuidora de uma Natureza hostil, que submetia o homem ao seu controle, conforme analisado por Antonello Gerbi em *Novo Mundo. História de uma polêmica*: “Poucos e débeis, os seres humanos do Novo Mundo não puderam dominar a natureza hostil, não souberam vencer e submeter

³⁵ Esta percepção do tempo estaria vinculada a uma percepção moderna. Ver: GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Cascatas da Modernização” In: *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: 34,1998.

³⁶ ABREU, João Capistrano. “O caráter nacional brasileiro”. In: *Ensaio e Estudos*, 4^o série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.18.

as forças virgens e revertê-las em seu benefício... manteve-se como um elemento passivo da natureza, um animal como os outros”.³⁷ Capistrano alinha-se a esta perspectiva: homem e meio são indissociáveis.

A trilha perseguida busca matizar o lugar da Natureza para Capistrano de Abreu, nesta seção, por dois motivos. O primeiro possibilita compreender como, através deste recurso, ele consegue superar a categoria raça e fazer com que ela se torne compatível com o conceito de cultura. Desta forma, estabelece um lugar de maior probabilidade para pensar o atraso brasileiro, sem uma alternativa que demandasse a conexão com um recurso que terminaria por reafirmar a superioridade da raça branca através de uma solução europeizante. Ao deixar de lado unicamente o lastro biológico, propõe que as alternativas possíveis deveriam ser tentadas após terem sido atravessadas as águas do Atlântico.

Num segundo momento, ao dar conta da influência da Natureza na História do Brasil, através da noção de integração, há a elaboração de uma narrativa histórica na qual a alteração no meio é gesto primário da intervenção humana, sendo que esta alteração deve servir aos propósitos mais gerais, ao horizonte da nação. Uma análise mais detida dos *Capítulos de História Colonial* propiciará uma apresentação mais cuidadosa destas questões.

1.2 *Capítulos de uma frágil história*

Do constante embate entre projeto e circunstâncias, entre expectativa e desilusão, os *Capítulos de História Colonial* refletem a busca pelo entendimento do Brasil a partir daquilo que somente a ele pertence: o seu passado. Em seu texto, Capistrano de Abreu alimenta uma interpretação do Brasil e a sensação de que, no início do século XX, a composição de um diálogo entre presente e passado, através da narrativa histórica, apenas teria gerado a lenta superação do

³⁷ GERBI, Antonello. *Novo Mundo. História de uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.20. Para Gerbi, Buffon marca um momento em que a discussão sobre a originalidade da América toma moldes de discurso científico, estabelecendo um espaço privilegiado para a disseminação da degradação do ambiente e do homem americano. Após ele, a discussão se estende e permanecerá presente na reflexão dos maiores autores do final do século XVIII e XIX, como Goethe, Lineu, Herder, Kant, entre outros, até culminar nas concepções opostas de Hegel e Humboldt e, mais tarde, sofrer uma desvalorização enquanto questões científicas. No entanto, estes dois momentos permanecem de certa forma unidos pela geração de expectativas com que várias obras desses autores lidam e podem ser identificadas como formadoras de uma visão de mundo inicial dos diferentes viajantes que visitaram o país.

“transoceanismo”, a noção de superioridade frente ao colonizador português. Neste percurso, o autor alinhava uma imagem em que a atrofia das funções sociais, fruto da influência passiva da Natureza, ainda não teria sido totalmente superada. Somente uma transfiguração, uma leve mudança, “em suma”, havia ocorrido: um estado psicológico que nos particularizaria pela sensação de diferença frente ao Outro, o português.

O caminho analítico permite a interpretação de que, na escrita de seus *Capítulos*, existem dois eixos argumentativos principais que permanecem em tensão, mas não se resolvem. O primeiro, em constante movimento, resulta da competição entre a História e a Natureza, enquanto “antecedente” a ser enfrentado. Após a atrofia das instituições, gerada pelo contato inicial dos “fatores exóticos” com os “antecedentes indígenas”, observa-se, ao longo do texto, a fragilidade das iniciativas sociais – ecoando as marcas primárias deste contato – sendo gradualmente superada. O movimento da história, através do povoamento, é expresso pela intervenção da ação humana na natureza, promovendo a “comunicação” entre as diversas regiões, proporcionando a expressão da contigüidade territorial que se une gradativamente.³⁸

O segundo eixo argumentativo é caracterizado pela permanência psico-sociológica³⁹, ao longo de três séculos, da incapacidade de associação coletiva, fundada na inexistência do sentimento coletivo; e da fragilidade de ações que não prezam o trabalho metódico. Ações que permanecem ao longo de todo o período colonial sem estarem pautadas por princípios racionais a um determinado fim antes programado.

Seguindo o primeiro eixo, pondera-se que, neste texto de Capistrano, as relações entre meio físico e sociedade são aplicadas para pensar o passado da nação. Oscilando entre a idéia de que o meio determina o homem e a de que os homens instalam-se no meio natural transformando-o na principal base de sua vida social, Abreu associa intimamente sociedade e espacialidade. Por isso, logo

³⁸ Uma análise específica deste ponto e a associação entre território, geografia em movimento e povoamento está em PEREIRA, Daniel Mesquita. *Descobrimientos de Capistrano: A história do Brasil “a grandes traços e largas malhas”*. Rio de Janeiro, PUC Tese de Doutorado em História, 2002. Em sua tese de Doutorado, o autor associa de maneira intrínseca a formação territorial e a superação do transoceanismo.

³⁹ A noção de permanência psico-sociológica foi utilizada inicialmente por Denise Bottman, sendo que não significa um atraso inato ao brasileiro, mas a íntima relação entre mudança material e psicológica. In: BOTTMAN, Denise. *Padrões explicativos na historiografia brasileira*. Dissertação de mestrado Unicamp, 1985.

no início dos *Capítulos de História Colonial*, a Natureza, sob a forma de território⁴⁰, é apresentada como lugar inicial para a narrativa histórica, uma antecâmara onde aportam, posteriormente, os “fatores exóticos”. Utilizando o critério espacial como delimitador do que seria o temporal, as diferenciadas regiões de um território circunscrito antecedem o específico instante em que a narrativa deve ser iniciada. “A quase totalidade do Brasil demora no hemisfério meridional e entre o Equador e o Trópico de Capricórnio alcança o país as maiores dimensões.”⁴¹ Como se estivesse ante um mapa, o autor narra uma localização e lhe insere atributos particulares: “nem o mar invade, nem a terra avança... os dois elementos convivem *quase sem transições e sem penetração*...”⁴²

Nesta passagem inicial, neste capítulo que parece não dizer muito acerca do tema de que o livro trata, é possível perceber uma imagem que será recorrente ao longo de toda a sua História em *Capítulos*: assim como a relação entre o mar e a terra, a variedade de espaços existentes neste território coexiste de forma *intransitiva*. O capítulo “Antecedentes Indígenas” é a descrição de um amplo mosaico de diferenciadas regiões, descritas cada uma em seu parágrafo específico, aguçando, no leitor, a sensação de que existem diferentes setores que não se comunicam. A transição de uma paisagem à outra ocorre de “forma golpeante”, abrupta, onde, lado a lado, coexistem a “monotonia intérmina da Amazônia” e “uma região de secas”. “Ao sul do Amazonas, entre os rios Parnaíba e São Francisco, estende-se uma zona periodicamente flagelada por secas.”⁴³ O Brasil é a junção de diferenciadas “fisionomias”, sem transições e sem penetração, onde se repete o mesmo “espetáculo”, onde nem uma invade e nem a outra avança.

A descrição que Capistrano empreende, no capítulo inicial dos *Capítulos de História Colonial*, faz com que cada parágrafo seja quase um universo

⁴⁰ Um geógrafo atual, Claude Raffestin, faz uma distinção importante entre espaço e território. Segundo o autor, “o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (pela representação) o ator territorializa o espaço” RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993. p. 143.

⁴¹ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 1.

⁴² Idem. p. 2.

⁴³ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 3.

fechado, uma região⁴⁴ capsular capaz de ganhar autonomia própria. No início do livro não possuímos história, somente uma *coleção* de diferenciadas regiões reunidas. Um solo comum que abriga um universo diverso.

A fauna da mata apresenta... o colorido mais vistoso, principalmente nas borboletas, que as vezes atingem tamanho enorme, e nas aves. A maior parte dessas espécies adaptou-se à vida arbórea e algumas, como a arcaica preguiça, vão desaparecendo com as derrubadas⁴⁵

Sem melodia comum, as diversas paisagens propiciam espetáculos particulares, como um amontoado de quadros em incomunicabilidade, convivendo lado a lado.

‘Mais pálida em colorido e fraca em força numérica é a fauna do sertão.’ lembra Goeldi. Suntuoso uniforme de gala não seria desejável nem proveitoso. Para os animais sertanejos é de mais vantagem sua roupa branco-amarelada e monótona que no meio o capim se conserva neutra entre a cor do solo e o colorido macega torrada pelo sol.⁴⁶

Este quadro se forma a partir de uma imagem que se estabelece pelo contraste existente entre espaços tão próximos e tão diferentes. Neste momento do texto, a postura de Capistrano frente seus escritos lembra a de um historiador naturalista-viajante. Um olhar que busca abarcar polivalentemente a Natureza através da observação e da descrição, exponenciando as fraturas e contrastes existentes em todo o conjunto paisagístico. Nesses termos, o exercício de conhecimento da Natureza, mobilizada sob a categoria território, constrói um texto onde a observação e a classificação utilizadas em sua escrita caracterizam, unicamente, a ausência do eixo temporal.

Ao tentar compreender a trajetória colonial, composta, inicialmente, sob a forma de território com diferenciadas regiões incomunicáveis, Capistrano visa desmistificar um mito de origem: a fertilidade. O Brasil não é a imagem da terra fértil presente nas cartas de Caminha; é um território ocioso, apático, que “nem o mar invade, nem a terra avança”, cujos atributos irão reverberar ante o indígena que também será indolente e, principalmente, pouco propenso à cooperação. Não há a imagem lírica associada ao vínculo automático com a fundação do Estado-

⁴⁴ Por região entenda-se uma unidade definível no espaço, que se caracteriza por uma relativa homogeneidade interna com relação a certos critérios Ver: LA BLACHE, Vidal de. *Principes de géographie humaine*. Paris: A. Colin, 1948. p.132.

⁴⁵ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 9.

⁴⁶ Idem. p.10.

Nação, em que uma paisagem-só-natureza deveria ser convertida na imagem da composição de uma unidade meta-histórica, uma unidade chamada Brasil, característica daqueles relatos de viagem feitos no início do século XIX.⁴⁷

Será na trilha desta Natureza, como uma forma de questionar o estatuto de terra fértil, que Capistrano iniciará seu texto fazendo o inventário das diversas regiões do período colonial. Mesmo compreendendo-o como um capítulo antecessor ao “Descobrimento”, que efetivamente marcaria um início do que poderia ser considerado como a história do Brasil, ele reflete bem a tônica de seu livro.

O que se procura aguçar, aqui, é como a multiplicidade de regiões que constitui um determinado território ganha a tonalidade necessária da mais intensa variedade, pois vem atrelada à carga de efeitos que visa imprimir no leitor a profunda sensação de instabilidade, de esfacelamento iminente pela ausência de diálogo entre suas diferenças. Por isso dirá, em uma afirmação que parece novamente se remeter ao presente: “A obra do homem chama-se capoeira: terreno privado da vegetação primitiva, ocupado depois por vegetais adventícios cuja fisionomia ainda não assumiu feição bem caracterizada”.⁴⁸

Um território de diferenciadas regiões que contrastam, neste momento do livro. Ao iniciar sua narrativa com os “Antecedentes indígenas”, observa que destes irão proliferar características que permanecem em seu presente.

Se agora examinarmos a influência do meio sobre estes povos naturais, não se afigura a indolência o seu principal característico. Indolente o indígena era sem dúvida, mas também capaz de grandes esforços, podia dar e deu muito de si. O principal efeito dos fatores antropogeográficos foi dispensar a cooperação.⁴⁹

Neste momento preciso, Capistrano executa a diferenciação entre a indolência e a ausência de cooperação, sendo o último o resultado do desenvolvimento errôneo de sua forma social, justamente cultivada através da

⁴⁷ SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia as Letras, 1991. pp. 12-15 e ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em Berço esplêndido. A fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991. p. 23. Nos termos postos por Flora Sussekkind, em *O Brasil não é Longe daqui*, esta proposição deixava “os desajustes à mostra, a contrapelo... frente à imagem que se procurou construir nas décadas seguintes à Independência”. Cabe acrescentar que Capistrano escreve no início do século XX, mas dialogando com este conjunto de questões.

⁴⁸ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 9.

⁴⁹ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 12.

relação de integração equivocada que mantinham com o meio físico. Através da relação entre o homem e o meio geográfico, os grupos indígenas se mantêm em ações instantâneas e momentâneas, sem nenhuma coordenação, reagindo de maneira dispersa e fragmentada, como a própria Natureza.

Neste diagnóstico, ao final do primeiro capítulo, Abreu deixa clara a persistência do equívoco antropogeográfico, que será considerado a principal característica dos impasses de sua atualidade, leia-se o Brasil do alvorecer do século XX. “A mesma ausência de cooperação, a mesma incapacidade de ação incorporada e inteligente... parece os indígenas terem legado aos seus sucessores.”⁵⁰ Estas características serão frequentemente retomadas como atributos da mestiçagem, nos capítulos posteriores; serão a base do espanto e da dificuldade do autor compreender a possibilidade da constituição de uma unidade nacional sólida. Uma permanência que irá atravessar todo o período colonial, incapaz de ser rompida mesmo com o Sertão, e que será fonte de distúrbio e de desconcerto de ações políticas em seu presente, conforme suas cartas demonstram. A “ausência de cooperação”, a incapacidade de manter uma metrificação de seus atos em prol de um objetivo que estivesse delineado em seu horizonte, irá ecoar ao longo de mais de quatro séculos.

1.3 Ação e desconcerto

Ao delinear as variadas regiões que compuseram um mesmo território, Capistrano termina por alimentar um investimento, logo em seu primeiro capítulo, na imagem de um território internamente fragmentado. Seria nele que, após o descobrimento, se daria o contato entre as “três raças irredutíveis” e sua posterior mestiçagem. Mas uma mestiçagem que não ocorreria somente através do contato entre as três raças, mas seria fruto da forma peculiar de ocupação e alteração do meio físico.

Comentando, em seus *Capítulos*, a incoerência de alguns colonos em comprar índios e fazendas com mão-de-obra escrava, devido ao grande número de

⁵⁰ Idem. p.12.

mortes indígenas, Capistrano observa uma “incapacidade” na ação daqueles que persiste até o seu presente

Por que insistiam os colonos em apossar-se de uma fazenda, cuja pouca valia a cada passo se devia patentear de modo menos equívoco? *Já sofriam de um achaque ainda hoje observado* a todos os momentos entre seus descendentes: a *incapacidade de formar convicção firme* sobre um assunto e por ela pautar seus atos.⁵¹ [Grifo meu]

A influência da Natureza ante o indígena, a “ausência de cooperação”, imposta pelos fatores antropogeográficos, vem se aliar a este caráter instável, que se inicia após a chegada dos “fatores exóticos”. Após o Descobrimento, aquele momento de descrição e classificação, um território composto de uma simples coleção de quadros da natureza em contraste e impassivo, com uma sonolência peculiar, foi rompido pelo contato entre as “três raças irredutíveis”. “Lentamente”, daí em diante, a narrativa acerca dos atos humanos passa a ser representada dentro de uma perspectiva temporal orgânica.⁵² Ao criar um relato acerca do crescimento da população e das comunicações ocorridas entre as diversas partes do território, sua elaboração da narrativa histórica constrói um movimento em que atos que levam um longo tempo para ocorrerem são rapidamente dissolvidos.

Ao “apresentar o organismo do estado cerca de 1662”, através de um “pálido resumo” de uma fonte proposta por um jesuíta da época, observa que

Os alicerces assentaram sobre sangue, com sangue se foi amassando e ligando o edifício e as pedras se desfazem, separam e arruinam. As terras se esterilizam; as plantações de mandioca não bastam para garantir o sustento; tem-se de buscar longe as madeiras e as terras de tabaco; minguraram a caça e a pesca; as povoações são muito distantes uma das outras e o trabalho de remar consome as forças da indiada.⁵³

Alicerces que se desagregam, pedras que se desfazem, edifícios que viram ruínas. Tudo que os atos humanos construíram por mais de um século de experiência colonial são facilmente dissolvidos, desagregados; em poucos anos o trabalho de um século se esvai. Terras que se esterilizam com uma velocidade rápida, como se não houvesse longevidade possível ante este solo. A própria

⁵¹ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 53.

⁵² Este forte organicismo do tempo seria uma marca característica de um autor como Herder, como argumenta Stocking Jr. In: STOCKING, George W. “Polygenist Thought in Post-Darwinian Anthropology” In: *Race, Culture and Evolution*. Boston: Beacon Press, 1968. p. 42-67.

⁵³ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 116.

dimensão da Colônia faz com que as forças sejam consumidas. Mesmo os homens não seriam imunes a este movimento de desenvolvimento e atrofia que segue o ritmo da natureza. A lentidão da construção diverge da velocidade do desaparecimento. Ainda analisando a “ocupação do litoral”, mais especificamente a marcha para o Amazonas, Capistrano observou que os atos humanos, como a própria expedição de caçada indígena de Pedro Coelho, seguem o mesmo ritmo de inconstância. “Tudo correrá bem até aí, tudo começou logo a se danar.”⁵⁴

Esta sensação de assombro ante a instabilidade existente nos trópicos, para além de simples adereço que o aproxime de outros de sua época é algo que permeia seu conjunto de considerações. Em uma carta do ano de 1922, debatendo com João Lúcio Azevedo acerca de uma revolta acontecida que durou poucos dias, Capistrano deixa escapar uma imagem do Brasil:

Ficou demonstrado que não é tão fácil mover um exército de sorteados como o de tarimbeiros profissionais. Escrevi *é*, devia antes escrever *foi*, porque no Brasil nada há de definitivo e o resultado pode ser outro na próxima tentativa. [Grifo meu]⁵⁵

Assim como durante a época colonial, a instabilidade parece ser o único elemento longo no Brasil. Ainda em seu presente ecoa a dúvida acerca da “evolução ou dissolução”.

Retornando aos *Capítulos de História Colonial*, observa-se que, assim que incidem, logo as ações apresentam rápido declive. Todos os atos são tributários da ampla gama de “forças centrífugas” coaguladas no solo colonial. A Natureza surge como um dos empecilhos constitutivos da comunicação na Colônia devido às grandes distâncias entre um centro de povoamento e outro.

Ajunte-se a isto a natural desafeição pela terra, fácil de compreender se nos transportarmos às condições dos primeiros colonos, abafados pela mata virgem, picados por insetos, envenenados por ofídios, expostos às feras... Mesmo se sobejassem os meios, não havia pendor a meter mãos a obras destinadas aos vindouros, tratava-se de ganhar fortuna o mais depressa possível para ir desfrutá-la no além-mar.⁵⁶

⁵⁴ Idem. p. 60.

⁵⁵ Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo 26/10/1923 In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol. 2 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 321.

⁵⁶ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 69.

As três raças não possuíam um sentimento diferenciado entre si, assim como pela terra. “Desafeição igual à sentida pela terra nutriam entre si os diversos componentes da população.”⁵⁷

Examinando superficialmente o povo, discriminaram-se logo três raças irreduzíveis, oriunda cada qual de continente diverso, cuja aproximação nada favorecia. Tão pouco próprios a despertar simpatia e benevolência, antolhavam-se os mestiços, mesclados em proporção instável quanto à receita de pele e dosagem do sangue, medidas naqueles tempos, quando o fenômeno estranho e novo, em toda a energia do estado nascente, tendia a observação ao requinte e superexcitava os sentidos, medidas e pesadas com uma precisão de que não podemos mais formar idéia remota ao fato consumado desde o berço, indiferentes as peles de qualquer aviação e às dinamizações de qualquer ordinal.⁵⁸

As raças não possuíam um sentimento de afeição mútua. Capistrano continua a utilizar o conceito de raça, mas em uma perspectiva que o aproxima muito mais do conceito de raças históricas que carregam seu passado. A desafeição, para além do contraste existente entre as cores das raças diferenciadas, era um sentimento permanente, incrustado naqueles que aqui residiam e presente, inclusive, naqueles que partilhavam da mesma raça. “A desafeição entre as três raças e respectivos mestiços lavrava dentro de cada raça.”⁵⁹

Neste momento do livro, Abreu pinta o quadro de uma sociedade em completa anarquia intestina, assolada pela mais completa turbulência e inconstância, ganhando um tom dramático onde nada nesta terra parece florescer e se manter permanente. Mesmo aqueles que visualmente possuíam similaridades, os oriundos do mesmo continente, como o negro ladino e o boçal, e o índio catequizado e o vestido, sentiam-se “profundamente separados”. Transportados para outra terra, são outros. Repisa-se, aqui, aquele argumento neolamarckiano como um dos pontos basilares para a compreensão dos eixos argumentativos dos *Capítulos de Historia Colonial*. Peça fundamental para que o tempo possa ser encarado enquanto propiciador de mudanças, mesmo que elas ocorram de maneira extremamente lenta, através de um tempo que lembre o tempo da vida, a constante alternância entre nascer e morrer.

A rápida “danação” que os atos humanos sofrem começa a ser rompida pelo lento movimento de diferenciação frente ao invasor, o holandês.

⁵⁷ Idem. p.70.

⁵⁸ Idem Ibidem.

⁵⁹ Idem. p. 116.

Em suma, dominavam forças dissolventes, centrífugas, no organismo social; apenas se percebiam as diferenças; não havia consciência de unidade, mas de multiplicidade. *Só muito devagar* foi cedendo esta *dispersão geral*, pelos meados do século XVII. Reinóis e mazombos, negros boçais e negros ladinos, mamelucos, mulatos, caboclos, caribocas, todas as denominações, enfim, sentiram-se mais próximos uns dos outros apesar de todas as diferenças flagrantes e irreduzíveis, do que do invasor holandês: daí uma guerra começada e levada sem desfalecimentos, durante trinta anos. Em São Vicente, no Rio, na Bahia, e em outros lugares, por meios diferentes chegou-se ao mesmo resultado.⁶⁰ [Grifo meu]

Lentamente o panorama vai mudando. O primeiro sentimento de possível unidade surge de forma reativa, como contraposição à chegada de um outro que une as forças intestinas. Apesar das diferenças, estavam mais próximos na luta pela expulsão do invasor. A ameaça que vinha junto com os holandeses seria a de que houvesse a perda de liberdade de todos os múltiplos grupos que aqui residiam. Neste momento preciso, Capistrano identifica o movimento da história como um avolumar-se gradual de maneira lenta, tendendo da “dispersão geral” para a unidade.

Ao elaborar sua interpretação do passado, Capistrano observa já a aparição, o nascimento de um sentimento de pertencimento à terra. “Em outros termos, Holanda e Olinda representavam o mercantilismo e o nacionalismo.”⁶¹

Venceu o espírito nacional. Reinóis como Francisco Barreto, ilhéus como Vieira, mazombos como André Vidal, índios como Camarão, negros como Henrique Dias, mamelucos, mulatos caribocas, mestiços de todos os matizes combateram unânimes pela liberdade divina.⁶²

Deste leve momento de contato entre as diferentes raças contra o jugo do holandês, um reconhecimento entre os que aqui residiam, apesar das diferenças irreduzíveis, começava a ocorrer. “Sob a pressão externa operou-se uma *solda*, superficial, imperfeita, mas um princípio de solda, entre os diversos elementos étnicos.”⁶³

Como querendo manter ligados elementos desconectados, incapazes de serem completamente fundidos, utiliza-se da pressão, sob ambos os elementos, como forma de manter uma instável estabilidade, mas que, no caso, não garante a continuidade do conjunto. “Passado o primeiro momento de entusiasmo, os

⁶⁰ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 70.

⁶¹ Idem. p. 96.

⁶² Idem Ibidem.

⁶³ Idem Ibidem.

reinóis quiseram reassumir a sua atitude de superioridade e proteção. Data daí a irreparável e irreprimível separação entre pernambucanos e portugueses.”⁶⁴ Esta solda permanecerá enquanto elemento longo que atravessará os “Três séculos”:

Cinco grupos etnográficos ligados pela comunidade ativa da língua e passiva da religião, *moldados* pelas condições ambientes de cinco regiões diversas, tendo pelas riquezas naturais da terra um entusiasmo estrepitoso, sentindo pelo português aversão ou desprezo, não se prezando, porém uns aos outros de modo particular – eis *em suma* a que se reduziu a obra de três séculos.⁶⁵ [Grifo meu]

A natureza – sob a forma de ambiente – permanece sujeito. Ainda continua moldando aqueles que com ela mantêm uma relação. Esta interpretação da sociedade retirada do último capítulo de seus *Capítulos* dialoga de maneira íntima com a imagem estratificada da natureza apresentada no início de seu livro, mesmo estando povoada. Capistrano combina o tempo orgânico, que faz com que as múltiplas e diferentes partes do território gradualmente fossem se interligando, com a infundável instabilidade, fruto da permanente possibilidade de dissolução que acompanha a História do Brasil. A luta da sociedade sem “formadores de tradição”, impedindo que seus avanços se solidifiquem, acaba por ter de se contrapor a um ambiente natural, que, sem poder ser utilizado de forma fértil, torna-se obstáculo para que avance a comunicação entre as diversas partes do território.

Compreender sua caminhada em capítulos como um padrão de evolução parece ser questionável, conforme a percepção do próprio autor no artigo de juventude citado na primeira parte desta dissertação. Na polêmica com Sílvio Romero, Capistrano questionou-o pela sua colocação de que no final do período colonial haveria uma maior coesão e investimento manufatureiro, demonstrando maior sapiência do governo português. Citando-o:

Outra singularidade, e esta mais desculpável, é dizer que nos fins do século passado o regime colonial foi mais sábio. Ignoro o que o autor entende por mais sábio. Se é aquele que deixa a riqueza acumular-se, a indústria desenvolver-se, o comércio expandir-se, o progresso consolidar-se, sua proposição é inexata. Com o correr dos tempos o regime foi se tornando cada vez menos sábio.⁶⁶

⁶⁴ Idem. p. 97.

⁶⁵ Idem. p. 213.

⁶⁶ ABREU, João Capistrano de “O caráter nacional e as origens do povo brasileiro”. In: *Ensaio e Estudo 4º série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

Para além da permanência da atrofia do “fator exótico” português, a possibilidade de que “as forças centrífugas” tivessem aumentado sua ação é permanente em suas considerações. A incoerência da utilização dos recursos, quando afirma que o regime tornou-se “menos sábio” na Colônia, afirma-se enquanto crítica à idéia de evolução do sistema colonial.

Um país que não funda o *antigo* – “sem formadores de tradição” – carregará consigo o gérmen da infertilidade presente em todos os seus atos. Será suscetível ao ritmo temporal orgânico que o fará labutar entre atos que não possuem longevidade, pois estão sempre próximos de seu fim. O tempo histórico orgânico, presente nos *Capítulos de História Colonial* dá um tom de lentidão, de arrastamento ao longo de todo o livro; como se nada se estabilizasse, mesmo “três séculos depois”. Conforme afirma Capistrano, “Um indivíduo podia tentar uma empresa e levá-la a bom êxito; com a sua ausência ou com a sua morte perdia-se todo o trabalho, até vir outro e continuá-lo passados anos, para afinal colher o mesmo resultado efêmero”.⁶⁷

Desta maneira, Capistrano une início e fim da trajetória colonial, através da dispersão dos atos e do caráter fragmentário, o que gerou a permanência da sensação de transitoriedade mantida entre aqueles que aqui residiam; “não havia progresso definitivo”.⁶⁸ Sempre próximo do sobrevir, o país não é o país do futuro, das terras generosas que nos canta o primeiro cronista, mas demanda uma específica forma de ação, capaz de unir a experiência coletiva, sendo guiada por um horizonte comum.

1.4 Natureza e História

A maneira de Capistrano conceber a história teve em Ranke um importante referencial teórico, considerando-o como “aquele que renovou a fisionomia dos estudos históricos”.⁶⁹ Muitas foram as cartas em que Capistrano

⁶⁷ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 212.

⁶⁸ Idem Ibidem.

⁶⁹ Para este ponto, ver principalmente suas cartas para Guilherme Studart e Afonso Taunay. In: ABREU, João Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu Vol 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

tomou o método de crítica das fontes como elemento imprescindível do seu ofício de historiador.⁷⁰ O método deste autor alemão associava erudição e escrita, narração e explicação; considerava a história uma ciência positiva, sem, no entanto, procurar estabelecer leis nem causalidade geral. O processo histórico, diferente do processo total do mundo, era um campo perfeitamente estável, povoado por objetos discretos (seres humanos, cada qual individualmente constituído por Deus) que se juntavam e se combinavam em diferentes entidades (povos, também individualmente constituídos por Deus), que, por sua vez, criavam instituições específicas (Igrejas e Estados) para a realização de seus destinos como nações. Nestas duas instituições encontram-se os instrumentos através dos quais as energias sem direção dos povos podem ser canalizadas para projetos humanamente benéficos. Instituições que, no caso do autor, foram fundadas por Deus para impor ordem a uma humanidade desregrada.⁷¹

Na gramática histórica de Capistrano de Abreu, a completa ausência de instituições fundadoras, seja o Estado, seja a religião, ou até mesmo o passado, como possibilidade de compor certa regulação dos eventos, deixaria um vazio, como se os diferenciados atos não estivessem direcionados a um foco comum. A Natureza, então, seria (des)ordem na experiência colonial. Ela aglutinaria, em si, as forças da ordem e da desordem que constituem o embate a ser travado pela ação humana. No compasso em que as diferenciadas regiões foram povoadas, a narrativa histórica tornou-se lenta, assim como as imagens das mudanças sofridas pelos próprios grupos etnográficos que, através do processo histórico, acordam da “hibernação”.

Devido ao lugar central que a Natureza possui como referência para pensar o Brasil, Capistrano necessitou buscar na geografia uma forma de instrumental científico para lidar com a questão. O encontro com Ratzel terminou tendo profundo impacto em sua maneira de compreensão do estudo da história. A partir da relação íntima entre a sociedade e as condições ambientes, cada

⁷⁰ Para uma abordagem aprofundada deste ponto ver ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. “Ronda Noturna: Narrativa, Crítica e Verdade em Capistrano de Abreu” In: *Revista Estudos Históricos* Vol 1, 1988 e FALCON, Francisco José Calazans. “As Idéias e Noções de ‘Moderno’ e de ‘Nação’ nos textos de Capistrano de Abreu. Os Ensaios e Estudos, 4º série comentados” *Acervo. Revista do Arquivo Nacional*. v 12, n.1-2, 1999.

⁷¹ Seguimos aqui as reflexões acerca da filosofia da história de Ranke presente em WHITE, Hayden. *Meta-História. A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Iedusp, 1994. pp. 232-257. Ver Também COLLIOT-THÉLENE, Catherine *Le Désenchantement de L'estat*. Paris: Gallimard, 1992.

localidade deveria comungar com as condições ambientes de que cada espaço físico lhe dotaria e seu desenvolvimento ocorreria a partir da intervenção dos homens naquelas localidades.⁷² O estudo da distribuição das sociedades humanas sobre o globo constituiria um segundo campo de interesses. Para a localização atual dos grupos, dever-se-ia adicionar a investigação de sua mobilidade passada, buscando levantar suas áreas originárias e seus itinerários.⁷³

O capítulo “O Sertão” dos *Capítulos de História Colonial*, de Capistrano, dialogou com este referencial teórico. “A invasão flamenga constitui mero episódio de invasão da costa.”⁷⁴ Como forma de questionar valores derivados de uma “ocupação” que não tivesse interagido com o ambiente ao seu redor, que não fosse capaz de germinar em relação íntima com aquilo que lhe precedeu, o ambiente, iniciou-se um texto no qual “o povoamento do Sertão” deixa na sombra a “ocupação’ da costa”. Assim, “achar comunicações com o Brasil”, independente do “capricho das monções”, foi a busca constante por tentar se libertar, através de ações que seguissem rigor metódico e linear, do humor variável da Natureza, traduzida na diversidade do território.

Aqui houve logo tentativas de povoamento: ainda hoje existem vilas fundadas na quarta década do século XVI, mas os colonos tiveram pela frente a mata virgem, os rios encachoeirados, as serranias ínvias, não souberam vencê-los e só impulsionaram a História do Brasil quando os *venceram*... Outros pontos, *esperam ou estão esperando* as vias férreas.⁷⁵ [Grifo meu]

Matas, rios e serras: obstáculos a serem vencidos que possibilitariam a sutura dos diferenciados espaços e impulsionariam a História do Brasil. O povoamento do território definiria o que deveria ser narrado, designando a importância do eixo espacial. Ao mesmo tempo, designaria a importância da ação dos homens em superar um dos efeitos da “atrofia das funções” causada pela

⁷² RATZEL, F. apud MORAES, Antonio Carlos Robert (org) “Introdução” In: *Ratzel*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. 1990. p. 74.

⁷³ A incidência das preocupações ratzelianas, entretanto, não dizem respeito somente ao universo da geografia. A antropologia e a política também são abarcadas pelo seu pensamento. A própria existência do estudo geográfico é justificada, na argumentação ratzeliana, em nome de uma meta teórica mais ambiciosa que almejava uma explicação global da humanidade. MORAES, Op. Cit.

⁷⁴ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 98.

⁷⁵ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 40.

Natureza: a vastidão do território. Exceção para a Amazônia, por questões geográficas e a presença de rios caudalosos, “a solução foi o gado vacum”.⁷⁶

Ao compasso do afastamento do gado, novas passagens e novos caminhos iam sendo trilhados. Basta citar o de Jacobinas e a passagem do Juazeiro, pelo qual pautou-se uma estrada de ferro. Com o crescimento da cachoeira e o impulso do plantio de fumo, abriu-se um ramal importante em busca do baixo Paraguaçu.⁷⁷

Enquanto solução imediata para o problema de escassez de mantimentos, o gado passou a elemento fundamental na abertura de comunicações entre os diferentes centros de povoamento. Capistrano compôs, através da narrativa histórica, um território que gradualmente vai ganhando adensamento com o povoamento que ocupou zonas antes ermas. Uma expansão para dentro – sob um ritmo lento – criando uma dinâmica econômica simples e própria. “Perdeu assim os terrores a viagem ao sertão, e cerca de 1690 havia antes motivos a aconselhá-la.”⁷⁸

Conforme afirma Denise Bottman, além da união do território, o que esta imagem representa é a inexistência de um princípio organizador especificamente humano.⁷⁹ Ao aludir a um tipo de adequação econômica às condições naturais existentes, Capistrano caracterizou a capacidade de intervenção humana no meio, através de sua integração com ele, e acusou, também, a existência de uma modelagem por parte do ambiente que se apresentou através da utilização de uma economia naturista que atravessa todo capítulo.

Este tipo de economia seria a expressão de uma cultura particularista praticada no Sertão. Importante notar que, ao longo dos *Capítulos*, a intervenção da Coroa se faz mais latente após terem sido superadas as limitações iniciais ao povoamento. Por isso, uma cultura particularista terminou por predominar no interior e compor um cenário onde o valor da propriedade era exaltado, sendo demonstrado através do recurso intenso dos brasileiros à violência como forma de

⁷⁶ “O gado vacum dispensava a proximidade da praia, pois, como as vítimas dos bandeirantes, a si próprio transportava das maiores distâncias, e ainda com mais comodidade; dava-se bem nas regiões impróprias ao cultivo da cana, quer pela ingratidão do solo, quer pela pobreza das matas sem as quais as fornalhas não podiam laborar; pedia pessoal diminuto, sem traquejamento especial, consideração de alta valia num país de população rala; quase abolia capitais, capital fixo e circulante a um tempo, multiplicando-se sem interstício...” Idem. p. 124.

⁷⁷ Idem. p. 126.

⁷⁸ ABREU, Capistrano de *Capítulos de História Colonial* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977 p. 129.

⁷⁹ Seguem-se, aqui, as reflexões de Denise Bottman In: *Padrões explicativos na historiografia brasileira*. São Paulo: Unicamp, 1985. p. 64.

mediação de seus conflitos.⁸⁰ Sem centro organizador comum, sem experiência fixada, sem linearidade em seus atos ou ação incorporada, permaneceram à mercê de decisões que ainda os levaram a serem moldados pelas particularidades de cada espaço geográfico. “Muito tempo viveu esta gente entregue a si mesma, sem figura de ordem nem de organização.”⁸¹

A ausência de foco comum, constituída por esta gente “entregue a si mesma”, gerou fraqueza na agência humana. Apesar disto, o conjunto de eventos que foram ocorrendo, ao longo do período colonial, gerou, gradualmente, um instante em que os múltiplos acontecimentos proporcionaram uma alteração significativa que particularizaria os colonos. Por isso, dirá Capistrano de Abreu:

Os triunfos colhidos em guerras contra os estrangeiros, as proezas dos bandeirantes dentro e fora do país, a abundância de gado animando a imensidade dos sertões, as copiosas somas remetidas para o governo da metrópole, as numerosas fortunas, o acréscimo da população, influíram consideravelmente sobre a *psicologia* dos colonos. Os descobertos auríferos vieram completar a obra. Não queriam, não puderam-se reputar inferiores aos nascidos além-mar, os humildes e envergonhados mazombos do início do século XVII. Por seus serviços, por suas riquezas, pela magnificência da terra natal contavam-se entre os maiores beneméritos da Coroa portuguesa.⁸²[Grifo meu]

Através da elaboração histórica de Capistrano, em um dado momento, um conjunto de eventos gerou a formação psicológica de cada brasileiro. A guerra dos Emboabas ganhou foros da primeira manifestação pública desta expressão que teve uma reverberação psicológica. Apesar da preponderância do eixo espacial que se manifesta na constante preocupação com o território e com os caminhos e seu povoamento, o lugar da psicologia nos *Capítulos de História Colonial* merece uma apreciação mais cuidadosa, ainda não proporcionada pelos estudiosos de sua obra.

Cabe, deste modo, fazer algumas considerações acerca de uma das principais leituras que Capistrano utilizou para entender psicologia: Wilhelm Wundt. Abreu irá se referir à “grande obra sobre a psicologia dos povos” do autor alemão, em muitas de suas cartas, como um instrumental para pensar a alteração psicológica na trajetória da nação. Como dirá em carta a Mário de Alencar, datada de agosto de 1901, momento de reunião de leituras para compor os *Capítulos de*

⁸⁰ “A morte de gente miúda não se levava em conta, mas um dia os forasteiros mataram José Pardo, paulista poderoso, e seus patrícios começaram a se armar.” ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.149.

⁸¹ Idem. p.131.

⁸² Idem. p. 148.

História Colonial: “Tenho estado lendo coisas diversas, um livro de Wundt sobre psicologia, necessário para entender a psicologia dos povos, de que já tenho dois volumes.”⁸³

Ao pensar o indivíduo, Wundt aceitou a idéia, proveniente de Spinoza, de que existe um paralelismo psicofísico na formação da mente humana: cada evento físico tem contrapartes mentais, e cada evento mental tem contrapartes físicas. Assim como grande parte daqueles que se interessaram por psicologia experimental e a pensaram de maneira indissociada da fisiologia, concentrou suas investigações no estudo da sensação e da percepção. “Era o objeto de estudo desta Psicologia a experiência consciente, assim como a sua tarefa a investigação experimental da estrutura da consciência.”⁸⁴ O que o autor conceberá como “Consciousness” se origina das sensações, mas nunca seria dado em estado puro como átomos fragmentados, mas em estado já combinado em representações. Entre ambos, contudo, não existe uma relação imediata. As numerosas experiências elementares seriam organizadas num todo por esse processo de síntese, o qual diz, em essência, apontaria para a combinação de elementos, criando novas propriedades.⁸⁵ Ou seja, a percepção é um processo ativo.⁸⁶

Isto nos direciona ao seu trabalho de dez volumes, intitulado *Elemente der Völkerpsychologie* [Elementos de Psicologia dos povos], livro que Capistrano possuía. A Psicologia dos Povos trataria da investigação dos diferentes estágios do desenvolvimento mental da humanidade. Neste trabalho, o autor alemão somava a psicologia com a história, a lingüística, a etnologia, a filologia e a antropologia, para pensar o instante em que os diferenciados eventos revelam “os desenvolvimentos psicológicos gerais que se levantam da conexão dos indivíduos”.⁸⁷

Capistrano chamaria tal conjunto de eventos que terão reverberação na psicologia colonial de “transfiguração”, nos *Capítulos*. O instante em que ocorre a expressão da diferença brasileira ante ao reinol, a lenta superação do

⁸³ ABREU, Capistrano *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.203.

⁸⁴ SCHULTZ, Diane. *História da Psicologia Moderna* 4º ed. São Paulo: Cultrix, 1990. p. 65.

⁸⁵ WUNDT, Wilhelm. *Outline of Psychology*. Leipzig: Engelmann, 1896 apud *Stanford Encyclopedia of Philosophy* site <http://plato.stanford.edu/> pesquisa realizada em 20/04/2007.

⁸⁶ Pesquisa realizada na *Stanford Encyclopedia of Philosophy* no site <http://plato.stanford.edu/> pesquisa realizada em 20/04/2007.

⁸⁷ O autor diferencia especificamente a *Völkerpsychologie* do que considera caráter étnico em WUNDT, Wilhelm. *Elemente der Völkerpsychologie* apud WUNDT, Wilhelm. *Evolución de las filosofías de los pueblos*. Madrid: Espasa-Calpe, 1929.

“transoceanismo”⁸⁸. Esta diferenciação ocorre através da compreensão do “segredo do brasileiro”⁸⁹, uma transfiguração que ocorre gradualmente e se torna presente ante as diferentes ações que derivam do movimento constante entre “formação e dissolução”; a manifestação sensível da idéia expressa pelo processo histórico. Conforme afirma Daniel Pereira, “o enredo da história do Brasil para Capistrano era a lenta e progressiva afirmação do sentimento de superioridade à metrópole e a superação do transoceanismo”.⁹⁰

Apesar da “transfiguração psicológica” ter possibilitado a superação do transoceanismo, a incapacidade de associação coletiva permaneceria sendo a tônica ainda não superada ao longo do três séculos. O tempo das modificações empreendidas por cada localidade submerge na lentidão de todo o processo histórico que expressa o conjunto dos eventos durante o período. O conjunto de alterações não foi capaz de pacificar a sensação de *inacabamento*.

Isto nos leva a outra questão. Esta leitura das fontes mobilizadas pelo autor para entender a psicologia colonial são importantes para a compreensão de quais traços são os caracterizadores da psico-sociologia. São estes traços que adquirem certa autonomia e maior relevância para a definição do agente capaz de maior ou menor possibilidade de se sobrepôr às injunções do meio. A preponderância da vontade aliada ao uso das faculdades racionais, estando a serviço da nação, faz com que ocorram relações de maior complexidade com o meio, proporcionando a menor submissão do homem às particularidades naturais de cada região geográfica.

Ao longo do livro, a narrativa histórica é composta através do conjunto de eventos que caracterizam o período colonial e o específico diagnóstico acerca da ausência de metrificação e incapacidade de levar seus empreendimentos aos fins últimos. A crítica ao fato de que somente “movimentos improvisados” têm triunfado dota as afirmações de Capistrano de um caráter pedagógico, por contraste na narrativa, entre presente e passado. Assim, a discussão se direciona para a importância da *vontade* na constituição da experiência histórica coletiva.

⁸⁸ Em um artigo de juventude “Aspectos da Literatura brasileira contemporânea” proporá como o transoceanismo a sensação de inferioridade frente ao português. In: ABREU, João Capistrano de. *Ensaíos e Estudos* 1ª Série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

⁸⁹ “Por toda parte transparece o segredo do brasileiro: a diferenciação paulatina do reinol, inconsciente e tímida ao princípio, consciente, resoluta e irresistível mais tarde, pela integração com a Natureza, com suas árvores, com seus bichos e o próprio indígena.” In: ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.163.

⁹⁰ PEREIRA, Op. cit. p.157.

Este seria um elemento valorizado em Wundt enquanto um dos componentes fundamentais para a constituição de uma comunidade⁹¹, estando presente, nos *Capítulos de História Colonial*, na figura do jesuíta.

Ainda não é a hora de aprofundar reflexões acerca da imagem do jesuíta elaborada pelo autor, mas esta ausência de vontade virá atrelada aos eventos que não seguiram guiados pelo “sentimento nacional”, gerando a sensação de imprevisto e disritmia que assola o conjunto dos atos ocorridos durante o período colonial.

Ao final do capítulo “O Sertão”, Capistrano analisa quase em tom de assombro:

Como nada transpirou até o momento decisivo dificilmente se compreende; não se sabe o que mais admirar, se a manha da gente mascatal, se a cegueira da nobreza, e ganha foros de verossímil a história contada depois pelos mascates de que nada se previra, nada se preparara, tudo *surgira de momento. Até hoje só tem triunfado no Brasil movimentos improvisados, que dispensam longas combinações e prodigalidades cerebrais.*⁹² [Grifo meu]

Esta sensação de imprevisto será um dos elementos longevos, uma das permanências do período colonial que ainda serão sentidas no presente de Capistrano. A sensação de que tudo o que ocorreria era momentâneo e acontecia de forma atribulada, pautada por uma relação imediata que “dispensa longas combinações” e “prodigalidades cerebrais”. Uma imagem do presente no passado que questionava o fato do passado, apesar dos diferenciados períodos históricos, não ter sido *ultrapassado*.

1.5 A ausência presente

Todas as análises empreendidas até aqui caminharam na trilha de tentar compreender aquela crítica fina que caracterizou as ponderações de Capistrano nos *Capítulos*. Um personagem – muito pouco citado por seus comentadores – é caracterizado como aquilo que parece ter sido a única experiência positiva ao longo de todo o período colonial: os jesuítas. Desde sua chegada à colônia, estes parecem ser os únicos personagens capazes de empreender algum equilíbrio, alguma harmonia dentro deste disruptivo espaço.

⁹¹ WUNDT, Wilhelm. *Elementos de Psicologia de los Pueblos*. Madrid: Espasa-Calpe, 1926. p.455.

⁹² ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 155.

Em companhia do capitão-mor vieram seis jesuítas, os primeiros mandados a este continente sobre cujos destinos tanto deveriam mais tarde pesar. Completaram harmonicamente a administração, pois tanto como Tomé de Sousa ou Pero Borges, o padre Manuel da Nóbrega obedecia ao *sentimento coletivo*, trabalhava pela unidade da colônia, e no ardor de seus trinta e dois anos achava ainda pequeno o cenário em que se iniciava uma obra sem exemplo na história.⁹³ [Grifo meu]

Ao nome desta ordem, a dos jesuítas, associa com freqüência atributos de certa linearidade capaz de empreender alguma obra longeva. Os jesuítas foram aqueles que mantiveram o vínculo de suas ações com a expressão daquela unidade territorial e do sentimento coletivo; completaram “harmonicamente”, mas com “ardor”, uma “obra” capaz de ser contada e ser transmitida para a posteridade. Encarnavam, precisamente, o que faltava ao seu presente e ao seu passado.

Mas, desde seu desembarque, a tarefa não parecia ser fácil. “Seus esforços perdiam-se na indiferença ou hostilidade de outros eclesiásticos”, assim escreveria Capistrano, no capítulo “Capitanias da Coroa”, no qual a chegada dos jesuítas foi abordada de maneira mais minuciosa. Ao longo de toda narrativa histórica, seus atos foram apresentados como opostos aos dos colonos que aqui residiam. Frente ao clima de plena desordem e choques intestinos, os jesuítas atravessaram todo o processo histórico mantendo a capacidade de ação e linearidade. Frente à barbárie e ao desconcerto, primaram pela perseverança e pela obstinação.

Esgotaria todos os préstimos dos Brasis fornecerem matéria-prima para a mestiçagem e para os trabalhos servis, meras máquinas de prazer bastardo e de labuta inoportável? Se não com palavras, isto afirmavam os colonos de modo menos ambíguo por atos repetidos em pertinácia invariável. Ora, os jesuítas representavam outra concepção de natureza humana. Racional como os outros homens, o indígena aparecia-lhes educável.⁹⁴

Esta outra concepção de Natureza humana foi capaz de observar o que os outros não viram. Estes padres missionários puderam olhar o indígena como aquele que ainda permaneceria em certa infância, como uma tábua rasa. “Na tábua rasa das inteligências infantis podia-se imprimir todo o bem, os adultos e

⁹³ Idem. p. 46.

⁹⁴ Idem. p. 50.

velhos... poderia-se aparar as arestas.”⁹⁵ A concepção jesuítica de “natureza humana” investiu o índio de uma humanidade que até então lhe fora e continuaria a ser negada pelos colonos. Para os colonos, os índios se reduzem a fornecer “matéria-prima para a mestiçagem e para os trabalhos servis, meras máquinas de prazer bastardo e de labuta inoportável”.⁹⁶ Para os jesuítas, ainda que “natural”, o índio era homem. Na tábula rasa de sua inteligência era possível imprimir o bem através da educação e o “amorfo da alma selvagem” poderia adquirir uma forma racional. Deste modo, o elogio desta postura por parte dos jesuítas, em tal passagem, explicita o lugar natural que os índios irão possuir ao longo de todo *Capítulos*. O propósito de dominar o meio e submeter as forças naturais ao desígnio histórico-racional estaria presente em sua argumentação de maneira geral. As condições para que um domínio técnico prático se convertesse em domínio histórico se apoiariam sobre um fator último, que seria a força da vontade humana aliada ao seu entendimento. A Natureza é um ponto de desterro da história humana onde sempre se há o risco de retornar.⁹⁷

Abreu construiu uma narrativa em que atribuiu grande importância às missões e aos jesuítas no período colonial. Esta valorização da sua presença na Colônia e de suas ações metricamente pensadas vinculou suas reflexões acerca deste grupamento àquela visão de mundo profundamente crítica da possibilidade de que a diversidade do espaço e a ausência de metrificação dos atos humanos pudessem vir a gerar uma nação. Aquela natureza humana diferenciada, que parece possuir todos os atributos caros ao polígrafo Capistrano, seria marcada por feições particulares do espírito. A energia e o sangue frio dos jesuítas foram contrapostos à ausência de corporação e à incapacidade de trabalho metódico, a permanência antropogeográfica – fruto da herança indígena – que atravessa mais de três séculos.

A catequese seria a principal obra deixada pelos jesuítas.⁹⁸ “Esta catequese grandiosa não consistia simplesmente em verter as orações da cartilha para a língua geral, fazê-las repetir pela multidão ignara, submetendo-a a observância

⁹⁵ Idem. p. 165.

⁹⁶ Idem Ibidem.

⁹⁷ Esta percepção da natureza como desterro pode ser encontrada e aprofundada em uma dada leitura particular de alguns aspectos de Capistrano in BOTTMAN, Denise. *Padrões explicativos na historiografia brasileira*. São Paulo: Unicamp, 1985.

⁹⁸ Em carta enviada para João Lúcio Azevedo (14/04/1918) Capistrano deixará claro “Entre os colonos e os jesuítas minha posição é bem definida: sou pelos jesuítas.” In: *Correspondência de Capistrano de Abreu* vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 95.

maquinal do culto externo.”⁹⁹ A profunda sensibilidade em notar que o indígena era um diferente importante para a composição do mesmo que estaria em nosso horizonte futuro – a nação – instigou a atenção do historiador. Assim, o ataque às reduções causa muito mais espanto e a resistência indígena, maior admiração. “Houve alguns salteios contra as reduções desde o seu começo, mas a energia e o sangue-frio dos jesuítas contiveram os arreganhos dos mamelucos.”¹⁰⁰

Seria através dos olhos de um jesuíta – João Antonio Andreoni – que Capistrano conseguiria captar a mais clara imagem do período colonial. Em seu livro *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, este padre jesuíta, que foi reitor na Bahia, traçou um retrato da sociedade colonial. Mas não qualquer retrato – como os outros utilizados ao longo do livro. Suas observações acerca da economia colonial possuíam a tonalidade de serem quase uma revelação. Através da precisão das observações do padre, o livro apresentava uma forma direta, capaz de dialogar e surpreender os brasileiros que a ele tivesse acesso. “Sem amplificações, em forma tersa e severa, adunava algarismos e mostrava o Brasil tal qual se apresentava à visão de um espírito investigador e penetrante.”¹⁰¹ A obra de Andreoni, dividida em cinco partes, tratou de engenhos e açúcar, de fumo, minas e gado no início do século XVIII. O livro descortinou o que estava velado e ao mesmo tempo diante dos olhos daqueles que residiam na Colônia.

Sob a arquitetura composta de forma precisa pelo benemérito jesuíta, algo se revelava de maneira palpável e precisa. O governo metropolitano, que acabou por confiscar os exemplares, sob o pretexto de que seriam a expressão de um segredo aos estrangeiros, na verdade apenas queria esconder o que já estava ante os olhos: “o livro ensinava o segredo do Brasil aos brasileiros, mostrando toda a sua pujança, justificando todas as suas pretensões, esclarecendo toda a sua grandeza.”¹⁰²

A imagem do jesuíta como aquele que percebeu aquilo que esteve vedado aos olhos de outros é fruto, principalmente, de certa ética que o historiador cearense observa nos mesmos. A disposição por manter convicção acerca de uma idéia e segui-la, a capacidade de metrificar seus atos e propor uma relação

⁹⁹ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 102.

¹⁰⁰ Idem Ibidem.

¹⁰¹ Idem. p.160.

¹⁰² Idem. p. 162.

orgânica com o mundo através de um trabalho que ocorra de maneira linear. Esta profunda valorização da tradição jesuítica – chegando até mesmo a dizer que “sem uma história dos jesuítas será impossível escrever a história do Brasil” – faz com que o livro se remeta mais uma vez a certo apelo à idéia de *ordem*.

A doutrina jesuítica seria o exemplo particular da ética capaz de uma ação interventora no mundo – agir em favor do “sentimento coletivo” – mas com a recusa aos hábitos mundanos característicos da Colônia, como o ganho fácil de recursos e a possibilidade de utilização prática e predatória da mão-de-obra indígena. A imagem do jesuíta foi composta como uma sombra, uma sugestão dita num volume bem baixo, como um segredo. Em nenhum momento, entretanto, Abreu propôs a imagem jesuítica como algo a ser exaltado, mas, em diferenciados instantes, os valores a ela relacionados passam uma noção de sobriedade e potência. Esse autocontrole, essa austeridade, teria sido aquilo que permitiu, ao jesuíta Andreoni, captar o ruído que lhe fez notar um segredo, aquilo que escapou ao espírito dispersivo dos colonos, “o segredo do Brasil”. Os jesuítas, desta maneira, são o contraponto àquele distúrbio que atravessa todo o livro, a incapacidade de manter uma ação sistematizada diante do mundo e fazer com que a experiência colonial fosse capaz de romper com a influência passiva da Natureza, a atrofia das funções gerada no primeiro encontro. “A incapacidade de formar convicção firme acerca de um assunto e por ele pautar seus atos.”¹⁰³

Esta permanência seria fruto da influência da Natureza, mas também seria uma peculiaridade do caráter português. Retornando ao início do livro, em “fatores exóticos”, o português que aqui aportou e iniciou a sua interação com o indígena e o meio possuía uma feição particular, um caráter dominante, que atravessou todo o período colonial, como uma peculiaridade dos colonos. O “caráter dominante dos colonos ao começar a era dos descobrimentos” é expresso pelo historiador:

O português do século XV era fragueiro, abstêmio, de imaginação ardente, propenso ao misticismo, caráter independente, não constrangido pela disciplina, ou contrafeito pela convenção; o seu falar era livre, não conhecia rebuços nem eufemismos de linguagem... Com a rudeza dos costumes que assinala aqueles tempos, a segurança da própria pessoa, família e haveres, dependia em grande parte da força e energia individual.¹⁰⁴

¹⁰³ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 53.

¹⁰⁴ Idem. p. 17.

Este “caráter independente” levou à exaltação da personalidade nas relações travadas entre estes e o mundo, deixando-os à deriva de seus desejos particulares e de seus instintos. A renúncia em manterem uma relação metrificada com o mundo, de que seus atos fossem constrangidos pela disciplina, que seus instintos pudessem ser parcialmente castrados frente um horizonte comum, fez com que possuíssem um espírito característico, que perpassará toda a experiência colonial, e, como observaremos, chegou até seus dias: uma conduta aventureira.

As reflexões de George Simmel em seu texto sobre a “Aventura” são de grande valia para pensar esta feição do português. Por aventura entende-se uma forma de modelagem da substância da vida em que ocorre uma junção particular entre accidentalidade externa e necessidade interior.¹⁰⁵ Ao contrário da atividade consciente de exploração de forças e materiais do mundo para a culminação de propósitos humanos previamente fixados, na conduta aventureira a ação e a passividade encontram-se entrelaçadas. Apesar de seu ser isolado, a aventura possui necessidade e sentido. Apesar de sua natureza accidental, de sua extraterritorialidade com respeito ao contínuo da vida, conecta-se ao caráter de identidade do sujeito desta vida, “transcendendo, por uma necessidade misteriosa, os aspectos mais estreitamente racionais da vida.” A conduta aventureira caracterizar-se-ia por uma combinação peculiar entre os elementos calculáveis e incalculáveis da vida. O elemento incalculável da vida passa a ser considerado da mesma forma que ordinariamente consideramos apenas aquilo que acreditamos ser por definição calculável.¹⁰⁶ As obscuridades do destino não são certamente mais transparentes para ele do que para qualquer outro. “A audácia característica com a qual ele continuamente abandona as garantias da vida despreendendo-as de si mesmo, justifica-se, para ele por uma sensação de segurança que normalmente tem lugar somente na transparência dos eventos calculáveis.”¹⁰⁷

A aventura não significa propriamente a ausência de ação, mas também não envolve esforço continuado e planejado, como a ética do trabalho. Enquanto o trabalhador estabelece uma relação orgânica com o mundo, o aventureiro mantém uma relação inorgânica. Ao aventureiro interessa somente o objeto final

¹⁰⁵ SIMMEL, George. “Sobre la aventura” In: *Sobre la Aventura. Ensayos filosóficos*. Barcelona: Edições Península, 1988. p. 15.

¹⁰⁶ Idem. p. 17.

¹⁰⁷ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 20.

de seus esforços, dispensando os processos intermediários para alcançá-los. Será este português, com “a índole inacostumada à paciência e à reflexão”¹⁰⁸ que nos povoará e deixará suas características na nação que surgirá daquela experiência colonial.

Foi esta característica aventureira que fez com que o português descobrisse os diferenciados continentes e conseguisse “alargar as fronteiras do mundo conhecido”¹⁰⁹, na interpretação de Capistrano. Esta audácia característica do aventureiro franquearia a ação sobre ele do ambiente, assim como das consequências de suas próprias respostas frente a ele. Representaria, pois, um auto-abandono aos poderes acidentais do mundo, a rápida apreensão da chance, da oportunidade, em larga medida negligente, pois conjugaria harmonia e desarmonia juntos. A conduta e a experiência aventureira – diferente da atividade consciente de exploração das forças e materiais do mundo para a culminação de propósitos previamente fixados – as categorias de ação e passividade encontram-se mais intimamente entrelaçadas.

Mas esta conduta aventureira, como orquestradora da experiência colonial, que terminaria por resultar da mestiçagem que nos formou, ao mesmo tempo em que gerou a *extraordinária* capacidade de desbravamento do território, tornando-se uma experiência totalmente diferenciada, quantitativamente mais fértil, como o autor deixa claro no capítulo “O Sertão”, terminou, também, por gerar a sensação de *precariedade* que se aguça ao longo do livro. Neste sentido, configura-se uma situação na qual a ação concertada é até possível, mas somente a partir de ações eventuais e fortuitas, sempre dependente de um motivo de força maior – como, por exemplo, uma invasão estrangeira ou uma revolta capitania – jamais em função de uma norma habitual e universalmente aceita por todos. O imprevisto pareceria atravessar as linhas da composição do texto, como dirá que nas minas de Cuiabá “os bandeirantes viraram mineiros sem pensar e sem querer”¹¹⁰, pois descobriram, simplesmente ao acaso, material precioso. A conduta aventureira foi pautada pela desmedida da audácia em terras do Brasil.

¹⁰⁸ Idem. p. 23.

¹⁰⁹ Idem. p. 24.

¹¹⁰ Idem. p. 139.

O tipo bandeirante poderia ser considerado o melhor exemplo desta ausência de limites impostos ao controle da audácia. Uma “monotonia trágica” constituída pelas ponderações do polígrafo Capistrano no capítulo “O Sertão”:

Faltam documentos para escrever a história das bandeiras, aliás sempre a mesma: homens munidos de armas de fogo atacam selvagens que se defendem com arco e frecha; à primeira investida morrem muitos dos assaltados e logo desmaia-lhes a coragem; os restantes, amarrados, são conduzidos ao povoado e distribuídos segundo as condições em que se organizou a bandeira.¹¹¹

A desconfiança do historiador cearense frente à ação dos bandeirantes e sua incapacidade de sustentar uma experiência coletiva pautada na instabilidade das bandeiras fica notória quando em *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil* valoriza a figura dos “conquistadores”. Estes serão os responsáveis por fundarem “centros de povoamento”.

A trajetória colonial nos *Capítulos*, efetivamente caracterizada pela influência do português em seu processo histórico, ao se pautar por essa conduta, levou à caracterização de uma experiência coletiva pautada pela imagem da desmedida que termina por declinar na sensação de constante desconcerto. O “exótico” português iniciou o seu processo histórico de conquista e colonização sendo feita a partir de certo abandono que permaneceria, mesmo após os três séculos de processo histórico, impedindo que a ação humana conseguisse se libertar do humor variável da Natureza. Apesar de terem superado o sentimento de *transoceanismo*, de possuírem a consciência de que são uma nação diferenciada de Portugal, a sensação que o texto passa é de que este período colonial não permite alinhar o período posterior.

A imagem do jesuíta como aquele que escutou o que outros ainda não tinham visto, um segredo, e a permanência psicológica que atravessa três séculos, a “ausência de cooperação”, dispersa em inúmeras passagens ao longo livro termina por explicitar uma imagem fundada no elogio do trabalho sistemático, da ética e do autocontrole. A audácia foi construtiva e desconstrutiva, por isso, diz Capistrano:

Apesar de todos os embaraços criados pelas hesitações da metrópole e pelas paixões da Colônia, a obra de Nóbrega prosseguiu e, na região amazônica, sobretudo, prosperou. Aos missionários foi entregue a administração temporal das

¹¹¹ Idem. p. 100.

aldeias, cuja abastança e fartura excediam às das vilas dos brancos. Não se falava senão das riquezas dos jesuítas, de fato em sua parcimônia, gerência metódica e desapego pessoal figuravam uma magnificência de que levaram o segredo, como depois se verificou.¹¹²

Há a valorização de uma imagem puritana que permeia o olhar de Abreu com relação à forma de compor certa ética do trabalho diante do mundo. Como se sabe, Capistrano era ateu e manteve-se convicto de sua postura até ao fim de sua vida, mesmo após a conversão de sua filha e de toda a sua tentativa de convertê-lo ao catolicismo.¹¹³ O que aqui se concebe como imagem puritana é a manutenção de uma ética da conduta fundadas no metodismo e no autocontrole como a peça fundamental capaz de romper o atraso fundamentado na ausência de cooperação e na incapacidade de manter uma ação convicta acerca de seus atos.¹¹⁴ Esta parece ser a única possibilidade de tentar fazer com que os eventos percam a sua efemeridade.

Esta argumentação nos leva a uma nova questão, pois se torna difícil, nesse contexto, imaginar que este tipo de experiência tenha condições de assegurar muito mais que uma precária e incompleta unidade nacional. A adesão destes múltiplos e dispersos *ethos* anárquicos que tangenciamos na discussão e a superação lenta do transoceanismo, por mais que fosse capaz de gerar uma “transfiguração”, mesmo que notoriamente frágil, gerou um problema. Este reside no fato de que esta identidade, precisamente por que acentua, em vez de diminuir, as divergências entre estes soberanos grupos que são cada um dos grupos etnográficos, termina por ser incapaz de fornecer um critério que permita a completa reunião do país em torno de um princípio comum.

Os *Capítulos de História Colonial*, seguindo este percurso, não terminam com um fechamento programático, com a expressão de uma solução possível para toda aquela grande coleção de imagens fragmentárias caracterizadas nos cinco grupos etnográficos. Termina com um diagnóstico¹¹⁵ que indica que somente um

¹¹² Idem. p. 164.

¹¹³ Sobre este ponto em específico, ver BUARQUE, Virgínia. “Cartas do Claustro” In: Trajetos. *Revista de História UFC*. pp. 137-155 e BUARQUE, Virgínia. *Escrita Singular: Capistrano de Abreu e Madre Maria José* museu do Ceará /Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2003.

¹¹⁴ Aqui o argumento se baseia na ética vocacional do protestantismo In: WEBER, Max. *A Ética protestante e o espírito do Capitalismo* 12ªed. São Paulo: Biblioteca Pioneira, 1997.

¹¹⁵ Importante notar a noção de diagnóstico, como um texto que ao invés de ser construído a partir de um conjunto de observações que terminam por ser subsumidas a uma lei geral, se constrói a partir de um conjunto de significantes que geram uma composição inteligível, aproximando-se, assim de uma inferência clínica. Sobre esta arrumação ver GEERTZ, Clifford. *Interpretação das*

centro forte seria capaz de promover uma possível mudança nos atos daqueles que aqui residiam. Mas este centro deverá vir atrelado a certo sentimento de pertencimento, um sentimento coletivo, capaz de evitar que este centro ordenador fosse simplesmente uma solução instrumental, tivesse uma feição exterior às múltiplas feições que, unidas, pudessem ser chamadas de povo.

Contraposto a esta instabilidade, a transposição constante entre nascer e morrer, através de sua leitura dos jesuítas, monta a crítica ao comportamento desenfreado, descentrado, desconectado através da solicitação de uma cultura que encorajasse um temperamento uniforme, assim como firmeza e retidão. A pessoa com um temperamento assim mantém um bom e durável estado de espírito na perseguição de seus próprios fins, respondendo aos atos dos outros e às circunstâncias da vida. A constituição de uma vida interior capaz de fugir do império das paixões da Colônia, mas que não redundasse em ascetismo, e fosse capaz de transbordar para o espaço exterior em benefício dos outros, e na chave semântica dos *Capítulos de História Colonial*, capaz de trabalhar “a favor do sentimento nacional”. Assim, monta-se o elogio da *constância*¹¹⁶ atrelada a um propósito social forte: a capacidade de que a ação humana, na experiência colonial, fosse capaz de fincar raízes profundas e propiciar mudança com progresso.

Na economia do texto, a noção de constância parece servir de ponto de fuga de toda composição do autor. A ausência da constância – exceto para os jesuítas – levou os colonos ao aprisionamento por seus instintos. A incapacidade de manterem-se unidos por um princípio direcionador externo, um sentimento coletivo, os levou à exaltação de certo egoísmo que submetia cada ato aos seus interesses particulares. Tornavam-se, assim, suscetíveis do ritmo natural, do nascer e do morrer, levando suas ações a declinar em ações instrumentais, incapazes de gerar alguma mudança significativa; um agir meramente pulsional guiado por certo egoísmo incapaz da paciência de verem seus atos frutificando.

Algumas palavras de um autor já citado ajudam a aprofundar o ponto: “Egoísmo significa sempre, de forma precisa, uma orientação teleológica – em

Culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989. Devo esta sugestão ao professor Antonio Edmilson que observou esta peculiaridade na produção do período.

¹¹⁶ Segue-se aqui a reflexão minuciosa feita por Leites em diálogo com o trabalho clássico de Weber. LEITES, Edmund. *A Consciência Puritana e a Sexualidade Moderna*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

direção a uma reação qualquer do eu – e para qualificar uma ação de egoísta pressupomos implicitamente uma orientação deste tipo.”¹¹⁷ Essa qualificação de egoísta está, geralmente, vinculada ao fato de seguir sem contenção seus próprios instintos, sendo que, desta maneira, colocamos sobre ela uma exigência altruísta, que, por não ser satisfeita, faz com que o comportamento pareça egoísta. Mas a orientação teleológica que o comportamento egoísta guarda escapa à natureza da pulsão, pois não é verdade, no plano fisiológico, nem sequer no plano psicológico, que as pulsões representem unicamente adaptações úteis ao sujeito.¹¹⁸ Aos olhos de Capistrano, o exercício do particular, conforme os três séculos de Colônia demonstram, reverberam de forma negativa na experiência coletiva, pois terminam por reiterar aquele panorama intransitivo que ainda permanece desde a primeira paisagem das diferenciadas regiões que serviram de palco para a chegada do português.

A assimilação e a comunhão das “três raças irredutíveis”, em instabilidade profunda e constante possibilidade de dissolução, ocorreu tingida pelas paixões e vícios, pela inexistência de limites em suas ações e pela incapacidade de manterem a convicção em seus atos. A esta perene possibilidade de disjunção, somou-se um território que não foram capazes de moldar, através da ação humana, suas particularidades naturais. Permanecem gerando atos que oscilam entre a possibilidade de ascenderem à história – como a possibilidade de instaurarem comunicações ao longo de todo o território – e de decaírem na mais completa fragmentação e distúrbio político – pois ainda mantêm ações que dispensam grandes “prodigalidades cerebrais”, sem gerência metódica e desapego pessoal – como o cotidiano de seus dias.

Sem “formadores de tradição”, sem “coordenadores de energia”, sem “consciência nacional” e sem se prezarem uns aos outros, o que resta? Efemeridade e inconstância, formação e dissolução.

A diversidade do território, a irredutibilidade das três raças, a existência de uma conduta aventureira, pautada pela desmedida da audácia, faz com que o autor componha uma imagem da sociedade colonial permeada pela mais extrema diversidade dos “cinco Brasis”:

¹¹⁷ SIMMEL, George. “Fragmento sobre o Amor” In: *Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993; pp. 114-115.

¹¹⁸ Idem. p.115.

Vida social não existia, porque não havia sociedade; questões públicas tão pouco interessavam e mesmo não se conheciam; quando muito se sabem se há paz ou guerra, assegura Lindley. É mesmo duvidoso se sentiam, não uma consciência nacional, *mas ao menos capitania*, embora usassem tratar de patricio ou de paisano. Um ou outro leitor estrangeiro podia falar na possibilidade da independência futura, principalmente depois de fundada a república dos Estados Unidos da América do Norte e divulgada a fraqueza lastimável de Portugal.¹¹⁹

As diferenças fisionômicas das diversificadas paisagens assumem um caráter contraditório e nada é garantia de que ocorrerá entre elas maior transitividade ou que a contradição entre elas será rompida. A comparação com a república dos Estados Unidos apenas aguça a sensação de ausência.

A experiência colonial não gerou a possibilidade de que a independência ocorresse:

Não se inquiria, porém, o meio de conseguir tal independência vagamente conhecida, tão avessa a índole do povo a questões práticas e concretas. Preferiam divagar sobre o que se faria depois de conquistá-la por um modo qualquer, por uma série de sucessos imprevistos, como afinal se sucedeu. *Sempre a mesma mandrice intelectual* de Bequimão e dos mascates.¹²⁰ [Grifo meu]

Mas após três séculos, e mesmo após a experiência do Sertão, o tom que o texto assume é da mais completa insatisfação frente ao que foi visto. Apesar do eixo mais significativo do texto ser a manifestação de uma consciência nacional que gradualmente aflora, o último capítulo reitera a imagem do primeiro em seu cerne. A intransitividade que caracteriza a Natureza com o indígena no primeiro capítulo é similarmente descrita a partir dos cinco Brasis que nos constituem após três séculos, unidos, apenas, “pela comunidade ativa da língua e passiva da religião”.¹²¹

Após a interpretação de três séculos, a imagem em negativo que o jesuíta representa e a sensação de estabilidade precária que o texto passa parecem nos propiciar captar a visão de mundo de Capistrano. Todos os eventos são tributários de certa desmesura, de uma incontrolável desmedida e ausência de rumo. O processo histórico, iniciado a partir da chegada dos “fatores exóticos” a sofrerem

¹¹⁹ ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 212.

¹²⁰ Idem Ibidem.

¹²¹ É importante observar como a religião é um elemento praticamente inexplorado ao longo de todo o livro. Apesar da constante referência aos jesuítas, a religião não é considerada um elemento significativo, capaz de imprimir alguma mudança nos instintos dos colonos ou de elo capaz de fornecer uma feição comum em terras tão diversas. Importante lembrar que estudos mais recentes aguçam este ponto da indissociabilidade entre a Cruz e a Espada. BOXER, Charles. *A Igreja e a Expansão ibérica* (1140 – 1770). Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

a influência passiva da Natureza, mudou pouco, muito pouco. Uma pequena transfiguração de uma consciência coletiva, mas que não gerou uma consciência nacional.

A imagem de sociedade apresentada, nesta orquestração, expressa uma concepção de vida social que não impossibilita a admissão das diferenciadas tradições que nos formaram, mas que reforça a crítica acerca das previsões de um futuro promissor. Se a incorporação do argumento neolamarckiano fez com que deixasse de comungar com o mais estrito determinismo biológico, exponencia o diálogo, em certa medida bastante concordante mas que não deixa de operar torções, com a tradição puritana.¹²² Como se os elementos múltiplos que formaram a nação demandassem o elogio das noções de constância e vocação; como a única possibilidade de fazer que a relação parte-todo suprisse, unicamente pela vontade, um vácuo constitutivo incapaz de ser preenchido. O elogio da ética da constância atrelado ao “sentimento nacional”¹²³ é a única possibilidade de superar a ampla gama de eventos imediatos que dispensam “longas prodigalidades cerebrais”.

¹²² A influência do pensamento alemão em seus estudos pode ser um indicativo precioso acerca desta proximidade.

¹²³ Este é um dos indícios da influência de Ernst Renan em seus estudos. Sua grande contribuição passa pela observação de que há um lado sentimental atrelado aos dados materiais formadores de uma nação. Capistrano não tem nenhuma referência explícita sobre a sua obra, mas cita sua leitura em alguns momentos. Mas a referência ao autor francês foi basilar em toda esta geração, principalmente em Eduardo Prado. Para este autor, a leitura de Renan estará associada ao elogio da aristocracia, presente principalmente em *La vie de Jesus*, baseado na idéia de que são os homens melhores – aristocracia – que constroem a civilização. Aqui se pode pensar a noção de responsabilidade social e nacional das elites com relação às suas nações.